



RESERVADO

1898

B. N. L.

es
1898

W. Y.

FLORES SEM FRUCTO

J. B. DE ALMEIDA GARRETT



OBRAS

DE

J. B. DE A. GARRETT.

VI

(FLORES SEM FRUCTO)

LISBOA

NA IMPRESSA NACIONAL

1848

OBRA

J. B. DE A. GARRETT

VI

ESTADO DE SANTA CAROLINA

F se. 6400

COMPRA

FLORES

Vierup

SEM FRUCTO

POR J. B. DE ALMEIDA-GARRETT.



R.

80190

ADVERTENCIA.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

—
1845.

em



FOR J. B. DE ALMEIDA-GARRETT

Comp. de
9. n. 922

LISBOA

NA IMPRETTA NACIONAL

1848

ADVERTENCIA.

Das poesias lyricas do auctor de Camões e de Dona Branca, o público pouco mais possui do que a collecção impressa anonymamente em Londres em 1829 com o titulo de *Lyrical de João Minimo*. Ou não a conhecia, ou não lhe conhecia o auctor, a *Revista Extranjeira* de Londres quando, em 1832, lamentava não ter visto os insaios poe-

ticos do nosso insigne escriptor, a quem principalmente avaliou como a crítico e historiador litterario. *

Achando-se extincta, ha muito, aquella edição, tractámos de a reproduzir conforme o promettido no programma d'estas obras; e tendo recorrido ao auctor, que a reviu e augmentou, e coordenou mais regularmente pela ordem dos tempos, houvemos d'elle junctamente a presente collecção, que é o complemento e continuação d'aquelloutra; poisque a *Lyrical de João Minimo* é a escolha das composições lyricas do Sr. Garrett desde seus mais tenros annos, começa em 1815, termina em 1823, isto é, dos dôze aos vinte, vinte e um annos do nosso auctor; e o presente livrinho comprehende tudo o que elle julgou dever deixar publicar do que tem escripto no mesmo genero d'aquelle anno em diante.

* *The Foreign Quarterly Review*, october 1832, pag. 467. — Ahi é censurado o collector Fonseca por não ter inserto no PARNASO LUSITANO algumas das primeiras composições do Sr. Garrett, cujo *Resummo da historia litteraria de Portugal* vem á frente d'aquelle collecção, Paris 1826.

Feita ésta preciosa aquisição, pareceu-nos que os desejos do público seriam melhor satisfeitos começando por ella a imprimir desde logo, e deixando a collecção antiga, ja mais conhecida, para o depois.

Resta-nos dizer que, pela nova e melhor ordem que agora levam ambas as collecções, duas ou tres peças que andavam, por incorrecção de datas, na *Lyrical de João Minimo* tiveram de passar para a presente collecção, assim como n'aquella se foram collocar muitas que lá faltavam.

Lisboa 10 de Junho

1844.

FLORES SEM FRUCTO

FLORES SEM FRUCTO

avisaram-me que esta commigo a idade da
 prosa; — como ao que leve folgazam e solta
 mocidade o avisam os primeiros latidos da got-
 ta de que lhe esta a velhice a entrar em casa.
 Ficta, regularidade e moderação prolon-
 gam a juventude do corpo; mas quando a al-
 ma chegou a murgar-se, não ha hygiene que
 a destrua. A minha esta velha; e a todos
 os achados da velhice, juncto essa fatal e ma-
 ladra saudade do passado. Quanto deves en-
 por ver e sentir como via e sentia quando
 pensava pouco e sentia muito! Quem me de-
 ra ser o louco, o doido, o poeta que eu ti-
 nha vergonha de ser! E de que me serve a
 reflexão, a experiencia, a razão como lhe cha-
 mam.

FLORES SEM FRUCTO.

Em quanto fui poeta affrontei-me que m'o
 chamassem; hoje tenho pena e saudade de
 o não podêr ja ser. Era uma viciosa vergo-
 nha a que eu tinha, porque não ha melho-
 res nem mais nobres almas que as dos poe-
 tas; agora o conheço bem, desde que o não
 sou, e que sinto as picadas das más paixões
 e dos acres sentimentos da baixeza humana

avisarem-me que está commigo a idade da prosa ; — como ao que teve folgazan e sôlta mocidade o avisam os primeiros latejos da gotta de que lhe está a velhice a entrar em casa.

Dieta, regularidade e moderação prolongam a juventude do corpo ; mas quando a alma chegou a inrugarse, não ha hygiene que a desfranza. A minha está velha ; e a todos os achaques da velhice, juncta essa fatal e matadora saudade do passado. Quanto dera eu por ver e sentir como via e sentia quando pensava pouco e sentia muito ! Quem me dera ser o louco, o doido, o poeta que eu tinha vergonha de ser ! E de que me serve a reflexão, a experiencia, a razão como lhe chamam, senão é para ver de outro modo as illusões da vida, para as ver do lado feio, torpe, baixo e vulgar, quando eu as via d'antes esmaltadas de todas as côres do Iris, bellas de toda a poesia que estava na minha alma, grandes de todas as virtudes que eram no meu coração !

Ora pois ! não sou ja poeta : podem-me fazer ' almotacé do meu bairro ' quando quiserem. Forte semsaborão ganhou a patria ! E custou : que levaram muito tempo e mui-

to trabalho para me despoetizarem; foram precisos annos de rudas luctas, centos de desenganos, milhares de desapontamentos para me fazerem conhecer o mundo como elle é, os homens como elles são. Cheguei enfim a isso, e deixei portanto de ser poeta. O meu horto de flores tam queridas e mimosas, que não davam fructo, mas alimentavam a vida com seus aromas de benefica e nutriente ex-halação, que eram como aquelloutras flores de que disse Camões:

Contam certos auctores
 Que, juncto da clara fonte
 Do Nilo, os moradores
 Vivem do cheiro das flores
 Que nascem n'aquelle monte;

o meu horto vou plantá-lo de luzerna e betarrabas. E arranquemos éstas *flores sem fructo*, não as veja algum utilitario que me condemne, de relapso, a ir, de carocha e sambenito poetico, arder n'algum auto-da-fe que por ahi celebrem em honra de Adam-Smith ou de João-Baptista Say, ou dos outros grandes homens cuja sciencia é como a do Horatio de Shakspeare que não ve 'mais coisa

nenhuma entre o ceo e a terra do que as que sonha a sua philosophia.

Não as colhi pois, arranquei-as, éstas pobres flores que aqui infeixo n'uma triste e última capella para deixar pendurada na minha cruz; e ahi murche e seque ao suão ardente do deserto em que fica, até que me venham interrar aopé d'ella, aqui onde eu quero jazer juncto das últimas recordações poeticas da minha vida, dos ultimos sonhos que sonhei acordado, e que valem mais do que todas as realidades que depois tenho visto.

E não cuides, amigo leitor, que eu quero dizer n'isto que não fiz senão versos ategora, que não farei senão prosas d'aqui em diante. Por meus peccados, fiz mais prosas que versos, e ajudei a gastar com ellas a mocidade da minha alma e a frescura do meu coração; baixei de sobejo ao mundo das realidades, quando tinha azas para me remontar ao ideal, e pairar-me pelas regiões onde viçam as eternas flores do genio. Fiz, quando não devia, fiz prosa em annos de versos. Quem sabe se a stulta vaidade que m'ó fez fazer então, me não levará tambem para o diante a fazer versos em annos de prosa?

Não é minha tenção, mas não o juro; que isto de ser poeta é como ser imbarcadiço: um dia aperta a vontade, comem os desejos por tal modo, que se vai um homem por esses máres fóra, e so no meio do temporal se lembra de que ja não é para similiaes folias.

Isto porêm que nasce espontaneo d'alma, que vem, como ejaculação involuntaria de dento, quando trsborda o coração de júbilo ou de pena ou de admiração; isto que é o fallar do homem para Deus n'aquellas phrasas incoherentes, inanalysaveis pelas grammaticas humanas, porque são reminiscencias da lingua dos anjos que elle soube antes de nascer; isto que se intoa e se canta no coração, antes e muito mais bello do que o repitta a lingua, d'esses versos não tornarei eu a fazer, porque não posso, porque era mister que Deus fizesse o milagre de me remoçar a alma: e não o fará.

São pois éstas quasi absolutamente as últimas coisas lyricas que, por vontade e auctorização minha, se publicarão d'entre tantissimas que fiz e que, pela maior parte, tenho destruido. Não faltará quem diga talvez

que melhor fôra que o fizesse a todas. Mas não é essa a opinião nem a vontade das maiorias que consultei. E ja se ve que, segundo a moda dos tempos, eu consultei as minhas maiorias, e não fiz caso das outras: ás quaes todavia — e não á moda do tempo — deixo o direito salvo para ralhar livremente e como quizerem.

Ja se ve bem assim o porque ponho este titulo de FLORES SEM FRUCTO á pequena collecção de poesias que aqui vai. Nem todas são de primavera éstas flores; ha de várias estações: fructo é que nenhuma dei. Deixariam de ser flores poeticas se o deissem.

O nosso Miguel Leitão chamou á sua miscelanea, *Ensalada de várias hervas*; — e esse principe allemão que é tanto moda, e que escreve com tam desgarrada elegancia, pôs a uma das suas collecções de rhapsodias criticas o titulo italiano de *Tutti-frutti*, que significa o mesmo quasi. E não cuidem que este principe que cito, com ser principe prussiano tambem, é o aventureiro que aqui ajudou ha dous annos a rabiscar semsaborias a respeito da nossa terra, mettendo para o sai-

co toda quanta calúmnia e mentira lhe deram os estrangeiros e estrangeirados que nos devoram e detestam, para as espalhar depois pela Europa, afim de que o mundo diga: 'Muito favor lhe fazem os oppressores d'aquelle bruto e estúpido Portugal em o governarem a pontapés e lhe tirarem o último cruzado-novo de que elle não sabe usar!'

Bemditta seja a nobre e generosa princeza que tractou o bandoleiro como elle merecia, e que não tolerou deante de si o calumniador da sua familia e da nação que a adoptára! Assim fizessem os outros!

Não senhor; *Semi-lasso*, auctor de *Tutti-frutti* é outra casta de principe: talvez o tractassem mal aqui se elle ca viesse. E não me peja de seguir o seu exemplo de longe, escolhendo o titulo que escolhi para ésta miscelanea de reminiscencias poeticas

Mas nem somente são de várias estações, são tambem de várias e mui desvairadas especies éstas flores. Aopé do acantho da lyra antiga, vai o trevo e o goivo que inramavam o alahude romantico; o nardo, a mangerona e a mesma rosa da Palestina ousaram crescer entre o loto e os myrtos da

Attica: e não em jardim symétrico, riscado a regua e compasso como os do seculo passado, mas de paizagem livre em que se aproveitaram os descuidos e accidentes da natureza e do terreno.

Algumas poucas peças politicas leva esta colleção; e d'ellas ha que nem eu ja intendo bem: tanto mudaram, em tam poucos annos, circumstancias e pessoas que as inspiraram. Mas não as podia tirar de um livro em que vai consignada a maior ou a melhor parte das minhas sensações poeticas em toda uma epocha, e essa a mais aventureosa, a mais cheia e mais importante da minha vida.

Novembro 3

1843.

LIVRO PRIMEIRO.

I.

HYMNO À POESIA.

Præsidium et dulce decus meum.

Oh meu amparo, oh doce glória minha,
 Tu com quem me achei sempre,
 Na desgraça, na mágoa e nos pezares,
 Para me consolar;

Que me dás voz, suspiros, desaffôgo
Quando a ventura é tanta
Que pésa n'alma — e o coração é cheio
A estallar se não falla!
Como te invocarei, que sancto nome,
Filha do ceo divina,
Te heide eu dar, ó Poesia, incanto, affago
Da minha juventude?
Nunca te chamo, que benigna, amavel
Não desças do ceo puro
A mãos cheias trazendo as magas flores
Que te viçam eternas
N'esses jardins de glória e formosura.
Vens — mas tam vária sempre!
E ora te vejo, no extasi sublime,
Nympha ligeira e bella,
Como as despidas graças, nua, ingenua,
De azues, rasgados olhos
Que ou ja scintillam, vivos, do desejo
As ardentes faiscas,
Ou serenos co'a posse, em gôso languido
Meigos, tranquillos brilham.
Ora, cahidas pelos hombros niveos
As longas, longas transas

Te vão fluctuando sóltas. Nas choreas
 Que em dança alegre travas
 Com os alados hymnos que te cercam,
 E ao som da arguta lyra,
 Fórmãs, sem arte, desvairados passos,
 Ou ja rasteiros, lentos,
 Ou tam altos que zephyro te espalha
 As raras, leves roupas.
 Ja, accordando em modo altivo e nobre
 A cythara canora,
 Dos deuses, dos heroes ergues louvores
 Aos sublimados astros;
 Ja maviosa, em canto mais singello,
 Os dons da natureza,
 Os tranquillos prazeres da virtude,
 Os mimos da innocencia
 E os serenós gosos da amizade
 Suavemente intoa.
 Ja, no extasi d'amor, no rapto ardido
 De amante enthusiasmo,
 Sopras a chamma que a belleza atea,
 E avivas as delicias
 Que o deus dos corações infundiu n'alma
 De um par que elle junctára.

Como tímida então pedes, supplicas
 E com languido accento
 Tenue favor imploras suspirando
 Mas logo ousada roubas
 D'entre o virgineo, recatado seio
 Acre beijo que ha pouco
 Mal inda ousavas supplicar modesta
 Para o colhêr dos labios!
 Toda es júbilo então. — Mas quantas vezes
 Os olhos inturvados,
 Pallida a frente, desgrenhada, em pranto,
 Anciando de amargura,
 Ais de angústia e de morte soluçando,
 Gemes co' a lyra e chorás!
 Negras suspeitas, aridos ciumes,
 Desleaes inconstancias
 Te andam d'entôrno esvoaçando em huivos
 E não es menos bella,
 Menos gentil então! Das faces pallidas
 As lagrymas, a fio,
 A fio deslisando, cahem, batem
 A espaços compassados
 Na cava lyra — e uns ais sumidos,
 De harmonia divina

Véem traspassar o coração de mágoa...

Mágoa! .. prazer dos ceos.

1823.

A JULIA.

Oh, que suave foi este momento
 Que dorad' tam feliz, tãr' descuidado.
 Andou-me o pensamento
 Viando nas delicias do passado,
 Requistando o mais puro
 Dos gozos que me deíte,
 Para formar esp'ranças de um futuro
 Mais divino e celeste.

Como timido...
 E com...
 Tenue favor implorava...
 Mas...
 D'entre o virgineo...
 Acre beijo que ha pouco...
 Mal toda ouzava...
 Para se colhar...
 Toda es jubilo...
 Os olhos inturvidos...
 Pallida a fronte...
 Anciando de amargura...
 Ais de angustia e de morte...
 Genes co'a lyra e choros...
 Negras suspeitas...
 Desleues inconstancias...
 Te andas...
 E nao es menos bella...
 Menos gentilidade...
 As lagrymas...
 A fio deslizado...
 A espacos compassados...
 Na cava lyra...
 De harmonia divina...

II.

A JULIA.

Seele rann in Seele.

SCHILLER.

Oh, que suave foi este momento
Que dormi tam feliz, tam descuidado!
Andou-me o pensamento
Voando nas delicias do passado,
Requintando o mais puro
Dos gosos que me déste;
Para formar esp'ranças de um futuro
Mais divino e celeste.

II.

E tu, Julia querida, não dormiste?

Insensível cahiste

N'essa tristeza de doçuras cheia

Que as almas como a tua

Tam brandamente inleia

Em acordados sonhos de ventura.

III.

Ambos fomos ditosos.

É so dado aos amantes venturosos

Dormir somnos tam doces :

Véem depois os prazeres despertá-los ;

Co'a alegre travessura

Amor vem acordá-los.

Elle te chama, suspirada amante,

Pela voz da ternura.

Deixa a melancholia :

São tranquillos demais seus tenues gosos.

No seio da alegria,

Nos braços da ventura,

Vem commigo folgar por estes bosques,
Por entre ésta espessura.

IV.

Dêmos de mão a serios pensamentos.

Em quanto o sol dardeja
Para longe de nós raios de fogo,
Aqui, onde veveja,
Às escondidas d'elle, a primavera
Com tam frescos verdores,
Gozemos nossos placidos amores.

V.

As dryades sensiveis,
Que dentro d'esses troncos nos escutam,
Oçam nossas conversas appraziveis,
As expressões amantes
De dois peitos constantes
Em suas verdes cortiças escrevendo.
Como ellas vão crescendo,
Cresçam nossos amores :
E quando, pelas copas remoçadas,

Brotarem novas flores
 Nas árvores lembradas
 De tam doços momentos,
 Serão mais lindas suas lindas côres,
 Serão mais ingraçadas.

VI.

Talvez que a mão d'algum amante as colha
 Para adornar o seio
 Do seu querido inleio;
 E esse amante dirá: — 'Julia a formosa,
 Julia, tam adorada,
 Aqui foi venturosa:
 Seja feliz como ella a minha amada!'

VII.

Assim dirá; — e as dryades lembradas
 Rirão do voto uffano:
 Que ellas bem sabem como o deus tyranno
 Jurando promettêra
 Que tanto, tanto amor como ao meu dera
 Não o poria mais em peito humano.

III.

O MAR.

He seized his harp which he at times could
string...

While flew the vessel on her snowy wing.

CHILD HAROLD.

I.

Doce esperança, numen bemfazejo,
Vem inchugar-me as lagrymas saudosas
Que em fio d'estes olhos me deslisam :
Co'a ponta do alvo manto ameiga a face

Que o acre ardor do pranto me ha crestado,
Vem consolar-me, vem ; alenta o peito
C'um fagueiro sorrir d'esses teus labios,
Manda-me um raio teu de luz serena
Que o resfriado coração me aqueça.
Oh ! dos amigos, do meu bem não quero
Que me apagues suavissima lembrança :
Dize-me so que tornarei a ve-los,
Que dos p'rigos que emtôrno me circumdam
Heide inda a salvo descançar com elles,
E ja sem medo recontar fadigas
De procellas, de calmas accintosas,
Duras rajadas, furacões tremendos,
E quantos hora me rodeam males
Que, olhos fitos em ti, vou supportando.

II.

Vem, ó deusa, da vista innevoada
Sopra-me a cerração d'atra saudade :
Deixa-me olhar pela extenção dos mares
E ver no immenso das ceruleas ondas
Affixurar-se a imagem do infinito.
Ob ! como é grande a mão da natureza !

Que vastos plainos d'ante mim se estendem,
 E vão em de redor nos horisontes
 Topar co'as bases da celeste abobeda!

III.

Vai-se aclarando agora o firmamento
 E azulando-se o mar co'a luz nascente
 Do primeiro, tenuissimo crepúsculo.
 Ei-la que assoma, despontando apenas
 C'os roseos dedos, a formosa aurora
 Vem brandamente a desparzir no pollo
 As roxas, lindas flores, rociadas
 Do matutino, bemfazejo orvalho,
 Talvez por mãos dos zephyros colhidas
 Nos jardins Ulysseus, nas brandas veigas
 Ao remanso do placido Mondego...
 Talvez hontem ainda a minha amada
 Lhe respirasse o lisongeiro aroma...
 Oh! recolhei-as, amorosas filhas
 Do placido Nereu, ide nos collos
 Dos Tritões namorados, ide ao Tejo
 E ao manso rio que ingrossaram prantos
 Da malfadada Ignez, ide, levae-lh'as

Aos do meu coração, o amigo, a amante :
 Dizei-lhes que eu, eu sou que vos invio,
 Que depóz vós o coração me foje,
 E que so vivo nas memorias d'elles.
 Ide ligeiras, sim, correi, ó nymphas...
 Mas oh ! do patrio meu Douro sombrio
 Ai ! não, não vades demandar as praias...
 Amargosa e cruel me veda a sorte
 Recordá-lo sem dor... Ferreas angústias
 Lá misero soffri... lá n'este peito
 Verteu perversa mão do deus dos males
 Quanto fel espremeu do peito ás furiás,
 Quanto veneno lhe escumou dos lábiós.
 A ingrata... Ah ! nunca mais me lembrè o Douro :
 Suas riquezas para si que as guarde,
 Suas aguas turvas impetuoso as role
 Por entre as calvas penedidas brutas
 Que a lobrega torrente lhe comprimem :
 Va, que a mim saudades não m'as deixa :
 So tormentos me deu, não posso amá-lo.

IV.

Esqueçamos memorias que afadigam,
 E o spectaculo augusto contemplemos

D'esse nascente dia, Com que pompa
Se ergue das ondas o astro luminoso,
Como nos raios se aviventa o lume!
Vai crescendo o fulgor á luz nascente,
Douram-se em de redor os horisontes,
O mar se espelha e reverbera o brilho...

V.

Salve, imagem do Eterno! ólhó do mundo
Que a doce vida no universo esparzes!
Ao teu assómo as delicadas flores
Vão na hástea humilde indireitando as frentes.
Ja pela copa ás árvores frondosas
Os fechados botões se desabrocham,
Pulla na terra germinando e cresce
A incerrada semente, esp'rança e fito
Do lavrador cançado. Ó terra, e quantos
Quantos incobres ávida mysterios
Que nos teus penetraes obram seus raios!
E mais — por muito tempo a nós vedá-lo
Não o imagines, não: vès essa deusa,
Pallido o rosto, os olhos incovados,
C'os ferros curvos que em teu seio imbebel

Rasga, franqueia? — É a sordida cubiça
 Que por tuas intranhas laceradas,
 As ricas veias dos metaes sangrando,
 Lá vai cavar os crimes e flagícios
 Que hão de infezar a triste humanidade...

VI.

Oh sol! quanto é sublime n'essa esphera
 A majestade tua! com que imperio
 Dardejas fogo nos aquosos plainos!
 Tua vista so no coração cortado
 Do triste viajante alenta a esp'rança.
 E eu, pela espalda de viçoso outeiro
 Não te vejo surgir, nem brandamente
 Ir-se c'os raios teus dourando as messes,
 Prateando o arroio, os campos esmaltando
 Não oiço pelos flóridos raminhos
 Modular philomela as doces queixas,
 Nem pastora gentil vejo no prado
 Ir conduzindo os alvos cordeirinhos.
 Nada, nada descobres a meus olhos...
 So tu e o vasto mar... e a saudade.
 Mas ha n'esta soidão tambem prazeres

Para quem? ... para o sabio? — O sabio préza
 O fasto apparatuso das sciencias:
 Não véem soar-lhe aqui da fama os brados,
 Nem tanger-lhe os claríns que os evos ganham.
 O ambicioso? o avaro? — A todos esses
 Esteril é de gôso a soledade.
 Quem te ama pois, ó solidão dos máres?
 O coração singello, e nunca heivado
 Do veneno do crime, nem pungido
 Do assacalado espinho dos remorsos.
 Por essa immensidão de ceos e d'aguas
 Sua alma se dilata e desaffoga;

Doce dos olhos lhe devolve o pranto
 Co'a lembrança dos candidos amigos;

Prazeres que gosou recorda, e folga,
 Novos medita, e em meditá-los gosa;
 No seio se reclina á natureza,
 E deixa ás vagas disputar-se o espaço.

VII.

Insondavel mysterio! eu curvo a frente
 Humildosa ante o Ser que te governa,
 Ó mar, alto pregão da voz do Eterno.

Teus rugidores sons na tempestade
Acclamam seu podêr; e o teu silencio
Na mudez majestosa testimunha
Sua grandeza immensa. O homem se perde
No arcano de tuas leis: e os sec'los passam,
Correm os annos, dias se apressuram,
Fojem as horas, os instantes voam,
E em de redor do círculo dos tempos
Suam, no curto espaço da existencia,
Um depóz outro, humanos sabedores
Sem o mener colhêr de teus segredos.

VIII.

Qual te imagina o pae d'este universo
Que, aglomerando multiformes massas,
Lhe deras ser primeiro; qual... — Mas onde,
Fraqueza d'homens, não levaste o homem
Quando, luctando a mesquinhez do ingenho
Co'a immensidão dos seres, o desvaira!
Es éлло da cadeia da existencia,
Pensador animal! a altiva fronte
Sôbre o pó do teu nada abate e humilha;
Vive essa vida, saborea o favo

Que na vida te deu a natureza ;
 No instincto do teu bem segue a virtude,
 Dentro do coração lá tens um livro,
 N'esse cumpre estudar, esse apprendê-lo...

IX.

Que manso vai, co'as velas infunadas
 Do amigo sópro de galerno vento,
 O ligeiro baixel, varrendo as ondas !
 Não cobre o manto azul do ceo sereno
 Nem o pardo menor de nuvem fusca ;
 E mal increspa a superficie ás águas
 De amena viração doce bafejo.
 Folgam d'entôrno os mudos nadadores,
 Em quanto sequioso o marinheiro
 Ou no traidor anzol lhe esconde a morte,
 Ou no farpão certo lh'a dardeja.
 E elle que mal vos fez? A natureza
 Não lhe deu como a vós tambem a vida!
 Oioço que me responde o despeitoso
 Brado fatal do rispido britanno : *

* Hobbes.

— 'E teu estado, ó natureza, a guerrá...
 Cumpre a destruição ás leis da vida;
 E na longa cadeia da existencia
 Convém... Que intentas desvairada musa?
 Os que a divina mão sellou mysterios
 Queres sondá-los? Appoucado e breve
 Se estende além de nós o vasto mundo;
 E mui perto os limites escaceam
 Dos humanos curtissimos sentidos.

X.

Como está leite o mar! Não, mais serenas
 As namoradas vagas não folgavam
 Quando a meiga, bellissima Erycina
 Do espumeo germen resurgiu formosa.
 Mar, do teu seio a deusa dos amores
 Veio adoçar os fados do universo,
 Dar a vida ao prazer, prazer á vida,
 E o dulcissimo favo do deleite
 Espremet, derramá-lo na existencia.

XI.

Que, mal a frente airosa ergueu das ondas
 E as descuidadas transas mal inchutas

Pelos hombros de neve debruçadas
 Arredou co'alva mão dos olhos negros,
 Do seio lindo voluptuosas chammas
 Subito os máres rapidas lavraram:
 Corre o fogo divino e delicioso,
 E o reino inteiro de Neptunó abraza.
 As bonançosas, accalmadas ondas,
 Beijando as curvas praias, vem na terra
 O incentivo depor de ethereos gosos.
 Voa a flamma subtil ao ceo e aos astros;
 Não sabido prazer no Olympo os numes
 Sentem no coração banhar-lh'o em gósto.

XII.

Nasceu Venus gentil, folgae: com ella
 Véem os amores e as despedidas Graças,
 As rosas do deleite desparzindo
 Na alvoraçada sphaera. Em bando alegre
 Jocos, risos brincões d'entórno a cercam,
 Avidos beijos, lubricos revoam,
 Correm alados soffregos desejos;
 E as verdes roupas desprendendo ao vento,
 D'alva amendoeira coroada a frente,

Ante elles todos a Esperança os guia.
 Ferve o granizo das douradas settas
 Que aligeros frexeiros vão tirando.
 Nuvem de corações corre a intregar-se,
 E nos laços gentis prender contente
 A mui pesada, inútil liberdade.

XIII

Oh! que banhar de gôsto delicioso!
 Que affogar de prazer homens e nunes!
 Como derrete o gêlo da indifferença
 Ante a divina, abrazadora chamma!
 Como se espraia pela vida o gôsto!
 Como á existencia os vinculos se estreitam!
 Como nos ellós da cadeia eterna
 O ser se allonga, reproduz e aviva!
 Mar! que venturas te não deve o mundo!

XIV

Filha das ondas, Cytherea bella,
 Maga deusa d'amor, oh! não consintas,
 Oh! não consintas que o teu vate anceie,

Soffra em teu reino despregados Euros
 Torcer-lhe o rumo, desvairar-lhe a proa
 E cavar-lhe d'entórno as grossas vagas.
 È teu imperio o madido oceano...
 E no mundo que ha que teu não seja?
 Tu c'um sorriso as furias lhe assocegas,
 C'um so fagueiro olhar as íras cruas
 Lhe quebras docemente e lh'as abrandas :
 Que esse que outr'ora pelo virgem pego
 Ousou primeiro confiar-se aos ventos
 Teu amparo o salvou, teu meigo auxílio
 Lhe abonançou as cerulas campinas...

.....

IV.

BELLEZA E BONDADE.

(DE SAPHO)

Quando ávida contemplo a formosura,
Tam breve é meu prazer que foge co'ella ;
Mas bondade e lisura,
Mas a innocencia, oh ! essa é sempre bella.

182...

Que a victimas de flores curadas
 Sempre é mais grata aos deuses. Vem: letemos
 Estas seivas ainda por altares,
 Onde a minha ventura
 Me hade elevar aos nomes soberanos.
 Inlaza embudo a mim esses girinhalas,
 Reclina-te em meu seio, os olhos bellos
 Para os meus olhos volver...
 Que linda cora! que formosos labios!
 Essa pulida tez não cede as flores;
 Não, que a viveza de cor brilhante
 O esplendor m'atira.

O SACRIFICIO.

(DE SAPHO)

Vem, Athis, coroar de infantas rosas
 Essa frente ingraçada, — e as tranças moveis
 De teus aureos cabellos, deixa-as sôltas
 Pelo collo de neve.
 Oh! que amavel pudor te anima e cora!
 Vem, colhe com teus dedos melindrosos
 Frescas boninas, doces violetas
 De suavissimo aroma,

Que a victima de flores coroada
Sempre é mais grata aos deuses. Vem : teremos
Éstas selvas sisudas por altares,

Onde a minha ventura

Me hade elevar aos numes soberanos.
Inlaça emtórno a mim essas grinaldas,
Reclina-te em meu seio, os olhos bellos

Para os meus olhos volve...

Que linda coras ! que formosos labios !
Essa pulida tez não cede ás flores ;
Não, que a viveza de sua côr brilhante
O esplendor não te offusca.

Mas, contra as minhas lanças,
 Em vez de martirios furios,
 De teimosas e como a acinlo,
 Sempre vai roando amores.

Adens, heroes! adens, glórias!
 Adens, guerreiros furios!
 As cordas da minha lyra
 So sabem dizer amor.

VI.

A LYRA.

(DE ANACREONTE)

De gôsto cantára Atridas,
 E a Cadmo erguêra louvor;
 Porém as cordas da lyra
 So sabem dizer amor.

Ha pouco, mudando-a toda,
 Novas cordas lhe assentava,
 E de Alcides os trabalhos
 A cantar principiava;

Mas, contra as minhas tenções,
 Em vez de marciaes furores,
 De teimosa e como a acinte,
 Sempre vai soando amores.

Adeus, heroes! adeus, glória!
 Adeus, guerreiro furor!
 As cordas da minha lyra
 So sabem dizer amor.

182...

VII.

COSO DA VIDA.

(DE ANACREONTE)

De loto e de murtas

N'um leito virente,

Bebendo contente,

Me vou recostar :

E os copos alegres

Me venha Cupido,

De gala vestido, —

Aqui ministrar.

Qual roda de coche
No gyro appressada,
A edade açodada
Nos voa a fugir.

Desfeitos os ossos
Em van cinza leve,
Iremos em breve
Na campa jazer.

Porque hãode os sepulchros
Em vão ser ungidos,
E esses dons perdidos
A terra sorver?

Da-me antes em vida
As c'roas de rosas,
E essencias cheirosas
Para me eu tocar.

Ou traz-me uma bella
Que cõm seus amores,
— Em quanto aos horrores
Do Orco não vou —

Me venha estes gostos
 Dobrar melhorados,
 E os negros cuidados
 Todos dissipar.

Por armas e por defeza 182...

Dax-lhe as fôrmas sagradas
 Que o ferro, o fogo, as pedras,
 Que tudo podem vencer.

VIII

A TORÇA DA MULHER

(DE ANACREONTE)

Ao leito deu cordões pontas
 A púrpura natural;
 Deu á lebre a ligeiriza,
 E a dita pata ao corcel.

A fort insino ás aves,
 A nadar ao peixe mudo;
 E deu ao leão sanhaudo
 O dente destruidor.

VIII.

A FÔRÇA DA MULHER.

(DE ANACREONTE)

Ao touro deu corneas pontas
 A próvida natureza,
 Deu á lebre a ligeireza,
 E a dura pata ao corcel.

A voar insina ás aves,
 A nadar ao peixe mudo ;
 E deu ao leão sanhudo
 O dente destruidor :

Aos bomens deu a prudencia ;
 À mulher não pôde dá-la...
 Acaso quiz desherdá-la,
Ou então com que a dotou ?

Por armas e por defeza
 Deu-lhe as fórmis ingraçadas
 Que o ferro, o fogo, as espadas,
Que tudo podem vencer.

1823.

Aos homens deu a prudencia ;
 A mulher não pôde dá-la ...
 Acaso quiz desherdá-la,
 Ou entre com que a detem?

Por armas e por delzas
 Deu-lho as fôrmas injurias
 Que o ferro, o fogo, as espadas,
 Que tudo pôde nocer.

IX.

A ROSA.

(DE ANACREONTE)

A rosa a amor consagrada
 A Lyeu associemos ;
 Co'as folhas da linda rosa
 Nossas frentes coroemos,
 Entre os copos a brincar.

A rosa é a honra das flores,
 É o amor da primavera,
 É dos numes o deleite ;
 E o menino de Cythera,

Quando aos coros vai das Graças,
Leva sempre as tranças bellas
Com delicadas capellas
De lindas rosas toucadas.

Eia pois ! tu me coroa
Se me queres, ó Lyeu,
Cantando no templo teu
Doces hymnos a intoar.
Irei, de rosas coroado,
Com gentil donzella ao lado,
Eu mesmo as tuas choreas
C'o sacro thyrso guiar.

1823.

Quando aos cores vai das graças,
 Lava sempre as tranças bellas
 Com delicadas espelhas
 De lindas rosas touças.

Ela pois, tu me cores
 Se me queres, ó lyra,
 Cantando no templo teu
 Dozes hymnos a cantar.

X. Hoi, de te corado,

Com gentil-dobechas no lado

A POMBINHA.

C'o sacro-flyso gozar.

(DE ANACREONTE)

De donde vieste,
 Amavel pombinha,
 Gentil avezinha,
 Aonde é que vas?

De donde trouxeste
 Aroma tam brando
 Que esparzes, voando,
 Por todo esse ar?

— Foi Anacreonte
Que ao seu bem amado
Com meigo recado
Aqui me mandou :

Seu bem que reparte
Dos lumes divinos
Ao mundo os destinos
N'um languido olhar.

Da maga Cythera
O cego menino,
A trôco de um hymno,
Ao vate me deu :

Sou de Anacreonte
Agora o paquete,
È d'elle o bilhete
Que vou intregar.

Prometteu-me cedo
De dar-me alforria,
Que eu antes queria
Sempre escrava ser...

Que gôsto é no mato —
Andar pelas fragas,
Viver so de bagas,
Nos ramos dormir?

Da mão de meu dono
Como alvo pãozinho,
E so bebo vinho
Do que elle me dá.

Às vezes alegre
Saltando, esvoaço,
E sombra lhe faço
Co'as azas a dar;

Ou quando me sinto
De somno pesada,
Na lyra doirada
Me deito a dormir.

Adeus! que me fazes
Ser mais palradeira
Que a gralha grasneira
Com o teu perguntar.

Como esse pó das antigas e de x' cheiros
 E vem do monte, as ribas a guardo, de elle
 Tal leve e corte da phoebus dáctilo a missa
 Pindaro immitas. etiam

Sempre dos leuros apollineos digno :

On dilatamos cante em nove termos,

E livre inloz numerosos versos

De reza solto ;

Qu cante os nunes, ou reis saque d'elles

Que justa morte deira a Centauros,

E horridas chamas apagar poderam

Da alta Chymeta ;

On va corado com os dons das musas

Os que, roncando na corrida ou lucta,

Ricos das palmas d' que cingem

Aos ceos se elevam ;

O GENIO DE PINDARO.

A quem robaram o marido joven,

E aures costum (DE HORACIO) e exalte

Pragueje o inferno.

Quem atrevido quer luctar com Pindaro,

Fia-se em azas que pegou com cera

A arte dedálea — e hade ir dar seu nome

Ao vitreo pego.

Como esse rio que ingrossou co'a cheia,
E vem do monte, as ribas alagando,
Tal ferve e corre da profunda bôcca
Pindaro immenso.

Sempre dos louros apollineos digno :
Ou dithyrambos cante em novos termos,
E livre intoe numerosos versos
De regra soltos ;

Ou cante os numes, ou reis sangue d'elles
Que justa morte deram a Centauros,
E horridas chammas apagar poderam
Da atra Chymera ;

Ou va coroando com os dons das musas
Os que, vencendo na corrida ou lucta,
Riccos das palmas d'Elide que cingem
Aos ceos se elevam ;

Ou sôbre a espôsa abandonada chore
A quem roubaram o marido joven,
E aureos costumes e a virtude exalte,
Pragueje o inferno.

É forte a aura que, em subindo ás nuvens
O dirceu cysne, lhe propelle os voos.
Eu, meu Antonio, como a abelha humilde
Que afadigada

Por bosque e prados, ás ribeiras humidas
 Colhe do Tibur os tomilhos gratos,
 Assim a custo meus lidados versos
 Componho timido...

Nem do Partho esforçado e cavalleiro,
 Que no corcel voltado, 1823.

Fugindo e pelezando, se retira...
 Nada que seu não seja,
 Nada ja me coazente. — Aqui, mancebo,
 Traz-me aqui verdades,

E ponde-me em alta voz
 Taças de vinho, incozente;
 Que a victima se a branda.

(DE HORACIO) 1823.

Manda a mãe dos amores,
 Da thebana semelle ordena o fillo,
 E a lasciva licença,
 Que a ja fudos amores volva o ânimo.
 De Glyceria que brilha
 Mais pura do que o marmore de Paros
 A nitidez me inflama;
 Grato me inflama e garbo desinvolto.

Por posturas e gestos, as ribaldas e as
 Colho do Tibides tamihos gratao de mo
 Tal ferve a custo meus libidinosos e avri tal

Compouho timidosa eadid

Sempre os lauros apollinos digue :

Ou dithyrambos eada em novos termos,
 E livre lutoo numerosa verso

De regra soltos ;

Ou eante os nubes, ou vis saogue d'elles
 Que justa morte deram a Centauros,

E herridas chammas **XII.** poderam

Da atra Chymera ;

Ou va eateando **GLYCERA.** das musas

Os que, yencendo na corrida ou lucta,

Riccas das palmas **(DE HORACIO)** cingem

As ceas se elevam ;

Ou adde **Manda a mãe dos amores,**

Da thebana Semelle ordena o filho,

E a lasciva licença,

Que a ja findos amores volva o ânimo.

De Glycera que brilha

Mais pura do que o marmore de Paros

A nitidez me inflamma ;

Grato me inflamma o garbo desinvolto,

E aquelle gesto lindo,
 Tam tentador, tam lubrico de ver-se.
 Chypre desamparando,
 Vem toda Venus sôbre mim de golpe :
 Nem ja cantar de Scythas,
 Nem do Partho esforçado e cavalleiro,
 Que no corcel voltado,
 Fugindo e pelejando, se retira...
 Nada que seu não seja,
 Nada ja me consente. — Aqui, mancebos,
 Trazei-me aqui verbenas,
 E pondê-me em altar de toiças vivas
 Taças de vinho, incensos ;
 Que a victima será depois mais branda.

(IN ALCE)

1823.

E aquelle gesto lindo,

Tam tentador, tam ludrico de ver-se.

Chypré desamparado,

Vem toda Venus sobre mim de golpe:

Nem ja cantar de Selybas,

Nem do Parto estorçado e cavalleiro,

Que no corcel voltado,

Fugindo e pelezando, se retira...

Nada que seu não seja,

Nada ja me consente. — Ahai, manchoas,

Taxeimei-me algumas.

XIII.

E ponde-me em altar de loizos vivos

o HYNVERNO.

Que a victimas seia depois tuas brandas.

(DE ALCEU)

Jupiter chove, pelo ceo se inturva

Fremente o ar ;

Turgidas crescem as torrentes grossas

Da agua a jorrar.

Frígido hynverno ! morra nas fogueiras

Do roxo lar.

Corra-nos vinho, franco, de mão larga,

Vamos, virar !

Beba-se, e ja ; porque a luz havemos

Ainda esperar ?

Rapido é o dia, lentos são pezares,

Maus de acabar :

Ieu-no-lo, o vinho, de Semelle o filho

Para os matar.

Válidos copos, um a um, ca dentro

Se vão junctar ;

E aspera lucta travem na cabeça,

Que hãode quebrar.

Água?.. mostrar-lh'a : duas vezes vinho

A tresdobrar !

1823.

A ESPADA DO FORTE

Virtuária para sempre eternamente,
(DE ALICE)

Eu corastei de mytho a minha espada,
Como a de Harmodio, pontada,

E como a de Aristogiton o forte,
Quando ao sevo tyranno dearam morte,

E Athens libertada

Foi a equaldade antiga resturada.

Deba-se, e ja; porque a luz havemos
 Ainda esperar?
 Rapido é o dia; lentos são pezares,
 Mans de acabar:
 Meu-no-lo, o vinho de Semelle o filho
 Para os mistar.
 Ácidos copos, um a um, es dentro
 Se vão juntar;
 E asper lacta travem na cabeça,
 Que hão de quebrar:
 Agora? mostrar-lh'a; duas vezes vinho
 A trindobrar!

XIV.

A ESPADA DO POETA.

(DE ALCEU)

Eu coroarei de myrtho a minha espada,
 Como a de Harmódio, honrada,
 E como a de Aristógiton, o forte,
 Quando ao sevo tyranno deram morte,
 E Athenas libertada
 Foi á egualdade antiga restaurada.

Tu não morreste, Harmódio, oh não ! tu gosas
 N'essas ilhas ditosas
 Serena vida c'os heroes que ahi moram,
 E onde, cremos, demoram
 Diomedes, o valente,
 E Achilles, o veloz, eternamente.

De myrtho a minha espada
 Trarei como Aristógiton c'roada,
 E como Harmódio o forte
 Que á vingança a reserva,
 Quando, nos sacrificios de Minerva,
 Ao tyranno Hypparcho deram morte.
 Em prezada memoria
 Vivirá para sempre eternamente,
 Harmódio, a tua glória,
 E a tua, Aristógiton valente,
 Que o tyranno matastes,
 E á liberta cidade
 O usurpado direito restaurastes
 Da primeira egualdade.

1823.

Tu não morreste, Harmódio, oh não! tu fossas
 N'essas ilhas ditosas
 Serias vida e os heros que ahí moram,
 E onde, eternos, demoram
 Diomedes, e valente,
 E Achilles, o veter, eternamente.

De mytho a minha espada
 Tarei como Aristos, roada,
 E como Harmódio o forte
 Que á vida reserava,
OSCAR.
 Quando, nos sacrificios de Minerva,
 Ao tyranno H (IMITAÇÃO DE OSSIAN)

Vivir para sempre eternamente,
 Arida emtórno a mim a natureza
 So descalvadas penedias broncas,
 So crespo, alvo regêlo me descobre;
 Dorme a vegetação nos troncos seccos,
 Morre no leito congelado o rio...
 Toda repousa em lugubre silencio
 A vida do universo, — em frio espasmo
 Da existencia parou cansada a máchina.

Desabrida estação! quanto a minha alma
 Se imbebe na mudez de teus horrores!
 Todo o vigor se me acolheu, do corpo,
 Ao coração no peito: — a alma compressa
 Resalta e pula ás regiões ethereas.

II.

Veloz imaginar, nas azas tuas
 Eis-me librado! pelos ares vago
 E espaços vingo de alongados máres,
 Desço na terra e poiso... Oh! qual me cêrca
 Invezada cerração confusa!
 É mundo isto que vejo, é terra ainda
 Ésta que piso?... Não descobrem olhos
 Mais que nuvens e horror, trevas e cahos...
 Lá se adelgaça um pouco a névoa grossa:
 Vejo ouriçar-se ponteagudas penhas
 Hirtas de abrolhos a alvejar co'a neve...
 Lá cai de chofre em catadupa, e soa
 Horrendamente, com fragor tremendo
 Torrente immensa na soidão do vallè;
 Ei-la sombria se devolve e espraia
 Pela extenção d'um Jago...

Vir pelos topes dos fronteiros montes
 Grave e pausado silencioso velho
 Em vagaroso passo caminhando.
 Longa dos hombros ao tallar lhe desce
 Alva, comprida tunica; na dextra
 Traz uma hástea de lança farpeada,
 E pendente da esquerda uma harpa antiga
 Onde o vento ressoa em oucos echos.

Gemeu de os escutar o ancião dos tempos,
 E de profunda mágoa lhe soluça
 O peito descarnado. Ei-lo que a toma
 Nas mãos trementes, e lhe apalpa as cordas
 Esbambeadas do vento, e desmontadas
 Do longo correr de annos. Ja se affina,
 Ja troa altivos sons em modo lugubre
 Mas desusado e novo. Oh, que de Thura
 É este o vate, Ossian este é porcerto.

Cô'a morte ao lado, os braços cerrados
Das hostes orgulhosas, V. ao filho,
Mas tu, meu caro Oscar, mas tu morresta
Não me inganei; era de Ossian a sombra,
E assim cantou: — Oscar, Dermid são mortos: O
No florescer de esperançosos annos,
Ceifou amor cruel tam caras vidas.
Caruth é pae d'Oscar, Caruth os chora,
E a morte dos mancebos infelizes
Conta ao filho de Alpin. — Porquê, diz elle,
Porque abrir-me de novo a fonte ao pranto,
Porque outra vez o peito me laceras?
Filho de Alpin, porque a pedir-me volves
A triste narração d'aquella morte?
Oscar, Oscar, meu filho!.. Ai, d'estes olhos
Ja se affogou a luz no mar das lagrymas:
So a memoria das desgraças minhas
Dentro no coração inda não morre!
Como heide eu outra vez voltar minha alma
Àquella historia funebre... a essa morte
Do maior dos heroes? — Chefe dos bravos,
Nunca mais te verei, Oscar, meu filho?

VI.

Ah, desapareceu de sôbre a terra,
 Qual no meio da horrenda tempestade
 O astro da noite, como o sol brilhante
 Quando pejada cerração de nuvens,
 Que das águas se elevam, se condensa,
 E as crespas, fuscas rochas d'Ardaníder
 C'o negro manto pallida rebuça.
 E eu triste, eu so no solitario alvergue
 Definho, a pouco e pouco, em mágoa, e sêcco,
 Qual orme antigo da escabrosa Mórven
 Que arido vento despojou dos ramos,
 E que, ao mais leve sussurrar do norte,
 Quasi vacilla e cai. — Chefe dos bravos,
 Nunca mais te verei, Oscar, meu filho?
 Não cai, filho d'Alpin, no campo o bravo
 Como a herva do campo; a sua espada
 Fumma, primeiro, do inimigo sangue;
 Antes de succumbir, tremendo rompe

VII.

Co'a morte ao lado, os batalhões cerrados
Das hostes orgulhosas. Mas, ó filho,
Mas tu, meu caro Oscar, mas tu morreste
Sem que inimigo algum fosse, a teus golpes,
Na região da morte anunciar-te.
Tincta no sangue a tua lança, oh triste!
Do teu amigo foi...

Um so nos peitos
Oscar, Dermid um coração so tinham :
Junctos iam ceifar da guerra aos campos,
E sua estreita amizade era mais forte
Que o aço da armadura que os vestia.
Entre ambos, sempre unidos nas batalhas,
Marchava a morte sempre ; junctos ambos
Cahiam de rondão sôbre o inimigo,
Quaes dois rochedos que dos topos d'Arven
Se despegam e caem na terra e jazem.
Suas espadas fumegavam sempre
Do sangue dos mais fortes gottejando ;
E so de ouvir seus nomes, inflavam
De pallido terror bravos guerreiros.
E quem, senão Dermid, a Oscar semelha,
E quem, senão Oscar, Dermid egualla ?

VIII.

Dargo, o valente Dargo, a quem na guerra
Ninguém nunca jamais não viu as costas,
Dargo a seus golpes succumbiu tremendos.
Como o dia ao nascer, mais bella ainda,
Era do morto heroe a bella filha,
Doce como brilhar da branca lua.
Tinham seus olhos o luzir d'estrellas
Que atravez de chuvosa nuvem fulgem ;
Na primavera o suspirar da brisa
Mais suave não é que o seu bafejo ;
Recem-geada nas manhans, a neve
Que se ondea alvejando nas estevas,
De seu candido seio é froixa imagem.
Viram-n'a os dous heroes, e ambos a amaram ;
Adorava-a cadaum como a sua glória ;
Possui-la ou morrer ambos queriam.
Porêm da bella o coração rendido
A Oscar ficou, a Oscar toda se intrega :
Ja cega beija a mão que o pae matára,
E não ve n'essa mão de Dargo o sangue.

IX.

E Dermid disse a Oscar : — ‘ Ouve-me ; eu amo,
 Ó filho de Caruth, amo essa bella.
 Sei que o seu coração por ti so bate,
 Mas a minha paixão nem isso a apaga :
 Oscar, rasga este peito, ó meu amigo,
 Seja a tua espada que me livre d’ella. ’
 — ‘ Quê ! tingir no teu sangue a minha espada ! ’
 — ‘ E quem, se Oscar não for, hade atrever-se,
 E quem é digno de tirar-me a vida ?
 Morrendo por tua mão, morro com glória,
 E eu quero a morte, amigo, mas honrada. ’
 — ‘ Pois bem, cruel Dermid, impunha o ferro,
 E ás mãos de seu amigo Oscar expire. ’

X.

De Branno juncto ás margens combateram,
 Tingiu-lhe o sangue as ondas fugitivas,
 E sangue a relva que lh’as borda emtórno.
 Dermid cahiu... n’um último sorriso
 De morte, o doce amigo saudando.

— ‘Filho de Diaran’ — Oscar bradava :
 ‘Fui eu que te matei, Dermid, eu, impio !

Tu que no mais ferido das pelejas

Não succumbiste nunca, agora, amigo,

Heide-te eu ver assim morrer sem glória !

XI.

Disse, e a mágoa quebrou-lhe a voz no peito ;

Vagoroso se affasta, e ao triste objecto

Vai de seu triste amor. Ella no rosto

Lhe leu a intensa dor que o atormenta,

E disse : — ‘Oscar, que nuvem tam pesada

Escurece a tua alma ?’

— ‘A minha fama

Perdi-a hoje, apagou-se a minha glória.

Sabes, filha de Dargo, a nomeada

Que eu tinha entre os archeiros: ouve agora.

De erguido tronco suspendido o escudo

Estava de Gondur, Gondur o bravo

Que n’um combate minha mão prostrára.

Tentei de o traspassar com minhas frechas,

E em vãos esforços se me foi o dia.

— ‘Pois bem ! tentá-lo-hei eu ?’ lhe volveu ella

‘ Sabem as minhas mãos também vibrá-lo

Esse arco destruidor da tua glória.

Muitas vezes meu pae folgou de ver-me

Sempre certas cravar as frechas no alvo.

XII.

Partem. Trás do broquel Oscar se occulta.

Rápida a setta sibilando voa

Das mãos da bella para o seio amante.

— ‘ Arco ditoso!’ moribundo exclama

Ja todo em sangue o campeão dos montes:

‘ Oh adorada mão! eu te agradeço.

Quem fôra digno de inviar-me ás sombras,

Ao filho de Caruth quem se atrevêra

Senão a filha do valente Dargo?

Ah! seja inteiro este favor, querida!

Leva-me aopé do meu amigo e deixa-me,

Que morrerei em paz.’ — ‘ Oscar,’ responde

A donzella: ‘ e eu não sou filha de Dargo?

Eu sei também morrer como tu.’ — Disse,

E o bello seio atravessou n’um ferro:

Corre o sangue... ella treme e cahiu morta.

XIII.

Junctos descançam do ribeiro á margem :
Cobre-lhe a campa a movediça copa
D'um alemo frondoso. Ao meio dia
Desce o gamo fugaz do alto do monte
E ahi vem pascer á sombra, em quanto as chammas
Ardem no firmamento, e todo involto
Nas alvas, longas roupas o Silencio
Em derredor dos proximos outeiros
Reina em toda a mudez da natureza.

XIV.

Assim cantava o caledonio vate ;
E de seu canto as derradeiras notas
Ainda em meu ouvido resoavam
Quando um raio de sol de luz creadora
No apposento me entrou, e a névoa toda
D'Escocia dissipou, — libertou-me alma
De não sei que oppressão, e me devolve
Aos doces climas da risonha Elysia.

XVI.

A D. SEQUEIRA

SAHINDO DE PORTUGAL.

Fuge litus avarum.

VIC.

Filhas da natureza, Artes divinas
 Que dourais a existencia,
 Que o mimo sois da vida, o doce affago
 Que abranda nossas penas,
 Nem, vós, candidas virgens, nem vós mesmas
 Dos grilhões escapastes
 Com que amarrou, aos argollões do averño,
 A tyrannia, a terra.

O sópro crestador do Despotismo

Vos murchou graça e flores ;

Da escravidão o bafo pestilente

Da face pura e ingenua

Vos destingiu a candidez e o pejo ;

A çáfara lisonja,

Co'a torpe mão, no rosto macerado

Vos pôs fingida máscara.

Trasmudadas assim vos viu o mundo

Erguer com servil dextra

Padrões inglorios ao coroado vício,

Monumentos á infamia.

Tal o cinzel que lavra insigne estátua

A Catões e a Titos,

Corta o busto de Nero e de Caligula ;

Taes as divinas tintas

Que as augustas feições eternizaram

De Socrates, de Phócion,

No adulador pincel perdendo a glória,

De torpes Heliogábalos

Rosto invergonhador da humanidade

Criminosas conservam...

Bem vindo sejas, ó Sequeira illustre,

D'essa terra malditta

Onde crucificou a Liberdade
 Povo de ingratos servos.
Tu que os louros de Vasco e de Campello
 Reverdecer fazias
Por aquelle maninho prigueiro
 Que foi terra de Lysia,
Filho de Raphael, bem vindo sejas
 A este asylo sancto.
Com o nobre pincel, não polluido
 No louvor dos tyrannos,
Aqui celebrarás antigas glórias
 Da que foi nossa patria,
Ou gravarás em lamina prophetica
 O supplicio tremendo
Que a seus cruceis algozes tem guardado
 O Deus da Liberdade.

1824.

XVII.

A CAVERNA DE VIRIATO.

Yet came there the morrow

That shines out, at last, on the longest dark night.

T. MOORE.

I.

SÓBRE os eternos gelos

Que os picos annuviados

Do alto Herminio coroaam,

Penteava a Aurora os fulgidos cabellos,

E dos anneis ondados

As auras matutinas

Sopravam brandamente

Viollas e boninas,

Que para lhe tocar a rosea frente

Colhêra a Noute nos jardins do Oriente.

II.

Da precursora estrella

Alva amortece a luz languidamente.

XVII.

L'ANTHE DE VIRIATE.

TRADUCTION DE M.^{LLE} DE FLAUGERGUES.

I.

Sur les éternelles glaces qui couronnent les cimes neigeuses du haut *Herminio*, l'aurore avait déroulé ses cheveux éclatans, et dans ces ondoyans anneaux les brises matinales se jouaient, caressant de leur souffle amoureux les violettes et les amaryllis que, pour orner ce front vermeil, la nuit avait cueillies dans les célestes jardins de l'Orient.

II.

De l'étoile son avant-courrière, l'aube amortissait la lueur qui s'éteignait languissamment.

Qual nos olhos expira
 Da rendida donzella
 Quando em braços do amante amor lh'os cerra
 O espirito da serra,
 Cujó é o sceptro das horridas montanhas,
 D'essa luz indignado
 Que seu throno de nuvens lhe dispersa,
 O voo despregado
 Co'as azas fuscas bate.

III.
 Sôbre as aguas pairou do morto pego
 Onde vivente fol'go não demora,
 E c'um sorriso negro,
 Similhante ao que ri na fatal hora
 O anjo do mal á cabeceira do impio,
 Contempla na voragem
 As antenas quebradas, rotas quilhas,
 Tributo de homenagem
 Que o genio lhe enviou da tempestade,
 Por vias não sabidas d'ólho humano,
 Dos sottopostós reinos do Oceano.

Ainsi s'éteint le jour aux yeux de la jeune beauté attendrie dont l'amour ferme la mourante paupière dans les bras frémissans d'un époux. Le génie de la *Serra* ¹, le génie à qui fut donné le sceptre de ces monts agrestes, furieux de voir cette lumière qui déchire et disperse le trône de vapeurs où menaçant il siégeait, le génie de la *Serra* déploie son vol, et de ses noires ailes, il bat les airs dans son courroux.

III.

Il plane sur les eaux du mort Océan, d'où jamais souffle vivant ne s'exhale. Il contemple l'horrible abîme et rit d'un rire semblable à celui qui à l'heure fatale, agite les lèvres de l'ange du mal au chevet de l'impie. Le génie du mont contemple l'abîme avec joie ; il voit flotter brisés et confondus les nefes, les quilles, les mâts, les vergues. C'est un tribut que le génie des tempêtes lui offre et lui envoie des empires sous-marins par des rontes aux humains inconnues.

¹ Chaîne de montagnes. Le mot espagnol est *Sierra*.

IV.

Qual setta desferida do arco d'evano

Do archanjo da morte,

Desce de golpe o espirito da serra,

E mergulhou nas aguas. Treme a terra ;

Os subjacentes máres

De abobeda em abobeda gemendo,

Do boqueirão tremendo

Mandam horrído som que estruge os ares.

V.

Mas ja co'a doce luz do sol infante

As nuvens accossadas

A frente d'alta serra destoucavam.

Sóbre a relva, no calice das flores,

Qual índico diamante,

Gottas achrysoladas

De puro orvalho brilham multicores ;

E as plantas acordadas levantavam

Para saudar a luz a hástea pendida

Do esfriado relento.

A toda a natureza

IV.

Rapide comme le trait lancé par l'arc d'ébène de l'archange de la mort, le génie des montagnes descend et se précipite dans les flots. La terre frémit. Les mers inférieures gémissent, et du fond du gouffre ébranlé envoient de voute en voute ¹ des sons horribles qui troublent les airs.

V.

Mais déjà à la douce lumière du soleil naissant, les nuées se dispersent et découvrent le front de l'altière *Serra*. Sur la verdure, dans le calice des fleurs, les gouttes limpides de la pure rosée brillent et multiplient leurs lumineux reflets comme le diamant indien. Les plantes éveillées redressent, pour saluer le jour, leurs

¹ Abobeda.

Vem do astro creador amigo alento,
Que remoça, que alegre e expande a vida.

VI.

Glória dos altos montes,

Magnífico Herminio, a quem saúda

A portuguez loquella

C'o gentil nome da formosa estrella

Com que tua fronte a topetar se atreve,

Nunca manhan mais bella

Por teus broncos penedos,

Tuas humidas gruttas,

Teus ativos, giganticos rochedos,

Catadupas sonoras,

Torrentes gemedoras,

Viçoso, ameno prado

Jamais raiou no Oriente apavonado.

VII.

Salve, berço do nome lusitano!

N' ésta manhan solemne,

Que, em volver d'annó e anno,

Jamais acabará que a apague o tempo

tiges penchées sous les vapeurs humides de la nuit.

VI.

Gloire des monts altiers ! superbe *Herminio* !
 toi que le langage portugais salue du nom de
 la brillante étoile que ton front ose toucher, su-
 perbe *Herminio*, jamais tes cimes brisées, tes
 humides cavernes, tes sourcilleux et gigantes-
 ques rochers, tes cascades sonores, tes mugis-
 sans torrens, tes charmantes prairies, ne virent
 une matinée plus belle colorer le radieux orient.

VIII

VII.

Salut, berceau du nom lusitain, salut ! J'ai-
 me à te saluer en ce jour solennel dont jamais
 la suite de années n'effacera la mémoire regret-
 tée.

Da saudosa memoria;
N'êsta manhan de glória
A ti venho, a ti venho, asylo sancto
Da lusitana antiga liberdade.
Tuas lobregas cavernas
Me serão templo augusto e sacrosanto,
Aonde da Razão e da Verdade
Celebrarei a festa.
Ouça-me o val, o outeiro,
Escute-me a floresta
Aonde do seguro azambujeiro
Seus cajados cortavam
Os pastores de Luso,
Que a defender a patria e a liberdade
N'esses tempos bastavam
De honra e lealdade.

VIII

Hoje !.. — Meu sacro rito
Aqui celebrarei n'esta carverna.
Teu sanctuario é toda a natureza,
Potestade superna,
Deus do homem de bem, Deus de verdade,

Dans ce jour mémorable, je viens, je viens vers toi, asile saint de l'antique liberté portugaise ! Tes cavernes profondes seront le temple auguste et sacré où je célébrerai la fête de la raison et de la vérité. Que les monts et les vallées m'entendent ! Qu'ils écoutent ma voix, les bois où jadis les pasteurs de la Lusitanie coupaient leurs rustiques houlettes, en ces temps où, pour défendre la liberté et la patrie, il suffisait de l'honneur et du courage !

VIII.

Aujourd'hui !.. Eh ! bien ! je célébrerai mes rites sacrés en cette caverne. Ton sanctuaire n'est-il pas toute la nature, ô puissance suprême ! ô Dieu des hommes vertueux ! Dieu de vérité,

Immensa majestade
Que do nada tiraste a redondeza.

IX.

Ouve-me, ó Deus, recebe
Meu puro sacrificio.

No torpe malleficio

Da traição não manchei

Minhas mãos innocentes,

Nem sacrilego ousei,

Teu altar profanando,

Queimar o incenso vil da hypocrisia

Co'a dextra parricida gottejando

Sangue da patria, lagrymas fraternas,

Suor da viuva e do orpham.

Escuta, ó Deus nas regiões eternas

Minhas accções de graças n'este dia,

Dia que a resgatar-nos

Do captiveiro odioso

majesté éternelle qui tiras du néant l'universalité des choses !

X

Entends-moi, Dieu très-haut, et reçois mon pur sacrifice ! La vile et infâme trahison ne souilla jamais mes mains innocentes. On ne m'a point vu, sacrilège et impie, profaner les autels en y brûlant l'odieux encens de l'hypocrisie. Ce n'est point moi qu'on a vu lever vers toi des mains dégouttantes du sang de la patrie, des larmes de la veuve et de l'orphelin, de la sueur d'agonie de mes frères... Oh ! ce n'est pas moi !

Ecoute-moi donc, ô Dieu des régions éternelles ! écoute et reçois mes actions de grâces ! Qu'elles montent vers toi en ce jour où, pour nous délivrer d'une servitude odieuse,

Estendeste o teu braço poderoso ;
 E a razão, liberdade,
 Dons teus, do homem perdidos,
 Restituiste á oppressa humanidade.

X.

Mas que sinto ! — Desvairam-me os sentidos ?
 Estas cavernas tremem...
 Entórno os ares fremem...

D'echo em echo medonhos estampidos

Reflectem pavorosos !

Do extremo fundo lá d'esse antro surde

(Visão estranha é ésta)

Espectro, sombra...

—— Manes gloriosos

Sois vós d'algun heroe ? — A lança, o escudo

Imbraça, impunha : aos pés Aguias romanas

Prostradas !.. oh ! Viriato

Es tu, sombra magnanima...

tu étendis ton bras puissant ! en ce jour où tu daignas rendre à l'humanité si long-temps opprimée la liberté et la raison, ces dons sacrés que tu fis à l'homme et que l'homme avait perdus !

Mais qu'entends-je !.. Mes sens se troublent... Ces antres sombres mugissent... L'air autour de moi, l'air frémit. D'écho en écho se répètent des sons mystérieux. Du fond de la caverne obscure, quelle vision se lève ? quelle ombre ?.. Mânes glorieux, êtes-vous ceux d'un de nos héros ? Mais la lance est dans sa main terrible, son bras soutient un bouclier, ses pieds triomphans foulent les aigles redoutables de Rome... C'est toi, ô Viriate ! ô guerrier magnanime ! c'est toi !..

tu étendis ton bras puissant ! en ce jour où tu
 daignas rendre à l'humaine si long-temps op-
 primée la liberté et la raison, ces dons sacrés que
 tu fis à l'homme et perdus !

Tua caverna é ésta:
 De tua glória e teu nome é cheio ainda

O val, monte e floresta.

Libertador da antiga Lusitania,

Das regiões dá morte

Vieste ver raiar a doce aurora

Da nova liberdade

Sóbte teus patrios montes ?

Esconde, esconde a face, ó varão forte,

Volve ao tumulo : a raça trahidora

Não acabou no vil que a preço indigno

Te vendeu aos tyrannos do universo :

O sangue d'esse monstro

Em quantos corações bate hoje á-larga !

São mil por um perverso ;

Covardes todos. — Ferros que impunharam

Os Lusos teus para salvar a patria,

Adagas de sycarios se tornaram

Em mãos de Portuguezes.

XI.

Cette caverne est la tienne, ton sauvage palais. Le mont, la plaine, les vallons, sont encore remplis de ton nom et de ta gloire. Libérateur de l'antique *Elysia*, des régions de la mort tu reviens pour voir briller sur tes monts paternels la douce aurore de la liberté nouvelle... Détourne, détourne ton front auguste, ô noble guerrier ! Recouche-toi dans ton sépulcre ! Elle n'est point méantie la race perfide de ceux qui, pour un montueux salaire, te livrèrent, te vendirent aux tyrans de l'univers. Le sang de ces monstres, ce sang infâme, hélas ! dans combien de lâches cœurs ne circule-t-il pas aujourd'hui ? Pour un pervers, on en compte mille. Lâches, ils le sont tous. O Portugais ! les glaives que vous saisites pour sauver la patrie, se sont changés dans vos mains en poignards tels qu'en aiguissent de lâches sicaires de la tyrannie.

XII.

Patria!.. não temos patria..

Oh! não ha para nós tam doce nome.

Grilhões, escravos, carceres e algozes,

De quanto outr'ora fomos,

Isto so nos restou, so isto somos.

XIII.

A SOMBRA DE VIRIATO.

' Não! sois mais que isso. O dia da justiça

Do Eterno chegará. Sua hora tarda,

Mas infallivel, soará n'altura ;

E os echos da planicie hão-de annunciá-la.

Os impios buscarão onde esconder-se,

E a terra negará couto a seus crimes.

Máres de sangue cubrirão a terra,

E a morte folgará sôbre as ruínas.

XII.

La patrie !.. ah ! nous n'avons plus de patrie ; pour nous n'existe plus un nom si doux. Des fers, des esclaves, des cachots, des gèoliers, de tout ce que nous fûmes jadis, voilà ce que nous sommes.

XIII.

L'OMBRE DE VIRIATE.

‘ Non ! vous êtes, vous serez quelque chose de moins indigne, Portugais ! il arrive le jour de la justice de l'Éternel. L'heure tardive mais infaillible va sonner sur les hauts lieux. Les échos de la plaine proclameront l'heure terrible. Alors les impies voudront cacher leur visage et leurs œuvres, mais la terre refusera de les soustraire aux regards et de couvrir leurs crimes. Une mer de sang couvrira au loin le sol tremblant. La mort planera sur des montagnes de ruines.

XIV.

‘Mas quem, quem desprendeu as cataractas
 Do sangue, do castigo?
 O impio que blasphemou
 E de dizer ousou
 No tredo coração :
 ‘ Não ha Deus ; abusemos
 Affeitos de seu nome
 Para avexar os povos ; escudemos
 Co’ esse phantasma vão nossos imbustes. ’

XV.

‘Cegos ! nadae no pelago de males,
 Luctae co’a ancia da morte : não ha tábua
 Para vós, não, de salvação, de espr’ança.
 — Uma arca so por esses máres voga,
 Arca da alliança nova,
 Sancta, e sagrada é ésta !..
 Pacto de Deus c’os povos. Liberdade

' Qui attirera ces torrens de vengeances, dites,
 qui fait mugir ces cataractes de sang ? Le tyran
 impie qui blasphéma, le monstre qui osa dire
 dans son cœur pervers : *' Il n'y a point de Dieu ;
 c'est un vain nom dont nous nous servons pour as-
 servir les nations. C'est un fantôme que nous offrons
 aux peuples abusés pour leur dérober les pièges que
 nous dressons sous leurs pas. '*

XV.

' Aveugles vous-mêmes ! niez Dieu mainte-
 nant ! surnagez, si vous pouvez, sur cet océan
 de maux que vos crimes ont enflé ! Luttezz contre
 la mort !.. vous luttez en vain. Pour vous, dé-
 sormais, point de planche de salut, point de se-
 cours, point d'espérance !

' Une nef solitaire vogue sur les grandes eaux ;
 c'est une arche sainte et sacrée, l'arche d'une
 alliance nouvelle.

So restará do universal diluvio :

Da raça dos tyrannos,

Da fratricida guerra

Que ateára a oppressão entre os humanos.

Nem a memoria ficará na terra.

XV

Aveugles vous-mêmes ! nix Dieu mainte-
nant ! surmages, si vous pouvez, sur cet océan
de maux que vos crimes ont enflé ! Laissez couler
la mort, vos vaines prières, pour vous, de-
ormais, point de planche de salut, point de se-
cours, point d'espérance, elle est rasée.
Une nef solitaire vogue sur les grandes eaux ;
c'est une arche, sainte et sacrée, fût-elle d'un
alliance nouvelle.

C'est le gage du *pacte immortel de Dieu avec les peuples*. Liberté, céleste Liberté, seule tu survivras à ce naufrage universel. Et de la guerre fratricide que le despotisme alluma, et de la race des tyrans, aucun souvenir bientôt ne restera plus sur la terre.

C'est le gage du pacte immortel de Dieu avec
 les peuples. Liberté, c'est la liberté, seule in-
 suivante à ce mariage universel. Et de la guer-
 re fratricide que le despotisme alluma, et de la
 race des tyrans, aucun souvenir n'est resté
 plus sur la terre.

XVIII.

O ANNO VELHO.

Amara lemni

Temperat risu.

HORAT.

VAI-TE, anno velho, vai-te, e nunca volvas
 Dos seculos no gyro ;
 Sumido sejas tu nas profundezas
 Da immensidão do nada,
 Anno parvo e poltrão, chocho e sem prestimo,
 Inutil como um conego.
 Quem fez caso de ti? Nem praguejado,
 Nem bemditto morreste,

Sem deixares legado ou testamento

 À desherdada historia.

Foram teus dias, dias de rotina,

 Como as licções sabidas

Da incepada, çuja caderneta

 D'um lente de Coimbra ;

Tuas horas, as horas *marianas*

 De velha abbadessa

Que ha quarenta annos tem no mesmo sítio

 O babado registo

Do sancto favorito. — Vai-te, some-te,

 Carunchoso anno velho :

Trague-te o olvido inteiro ; mais memoria

 De ti não fica á terra

Do que deixa um abbade de Bernardos,

 Da academia um socio.

1824.

XIX.

A TEMPESTADE.

Cœco carpitur igni.

VIRGIL.

I.

Sôbre um rochedo
 Que o mar batia,
 Triste gemia
 Um desgraçado,
 Terno amador.

Ja nem lhe cahem
Dos olhos lagrymas ;
Suspiros férvidos
Apenas contam
Seu triste amor.

II.

Ondas, clamava o miserô,
Ondas que assim bramais,
Ouvi meus tristes ais !
Horriavel tempestade,
Medonho furacão,
Não é mais agitado
Do que o meu coração
O vosso despregado,
Horrisono bramar !

Ancia que atropella,
Meu languido peito
É mais violenta
Que o tempo desfeito
Que a onda incapella,
Que agita a tormenta
No seio do mar.

Mas ah! se o negrume

O sol dissipára

Calmára,

Seu nome

O horror do tufão.

Assim á minha alma

A calma

Daria

D'Armia

Um sorriso:

Um raio d'esp'rança

Do paraizo

Traria

A bonança

Ao meu coração

1828.

Assim ao praver,
 A dor indif'ente,
 Vão-me horas da vida
 Comprida
 Correndo,
 Vivendo
 Se é vida
 Tam triste viver.

XX.

TRONCO DESPIDO.

Sine nomine corpus.

VING.

Qual tronco despido
 De folha e de flores,
 Dos ventos batido
 No hynverno gelado,
 De ardentes queimores
 No estio abrazado,
 De nada sentido,
 Que nada elle sente...

Assim ao prazer,
À dor indiff'rente,
Vão-me horas da vida
Mas Comprida
Correndo,
Vivendo
Se é vida
Tam triste viver.

1823.

Quero pensar ao commigo ; quero fallar a es-
com o meu coração.

Os homens não me deixam ; impoem-me vos,
solidos amenas, abriga-me, o solidos delicias.

Frangues-me, o solidade, o deserto das lous
selvas ; abre-me o sanctuario das luzes grans.

perguntarei nos troncos pelas chaves que
e os troncos me responderão, me-

suas ramos : Ellas passaram.
me abrirei os braços de meus amores, e as

Tambem
me abrirei o coração me dizer : Tambem
me abrirei o coração me dizer : Tambem



XXI.

SOLIDÃO.

Alonguei-me fugindo e vivi
na soedade.

ABRAES — DO PSALM.

I.

Solidão, eu te saúdo ! silencio dos bosques,
salve !

A ti venho, ó natureza ; abre-me o teu seio.

Venho depor n'elle o pêso abhorrecido da exis-
tencia ; venho despir as fadigas da vida.

Quero pensar so commigo ; quero fallar a sos com o meu coração.

Os homens não me deixam ; amparae-me vós, solidões amenas, abrigae-me, ó solidões deleitosas.

Franquea-me, ó soledade, o thesouro das tuas selvas ; abre-me o sanctuario das tuas grutas.

Eu perguntarei aos troncos pelas edades que viram correr ; e os troncos me responderão, meneando as suas ramas : ‘Ellas passaram.’

Eu contarei aos prados os meus amores ; e as boninas abrirão o calix para me dizer : ‘Tambem nós amâmos.’

Interrogarei os penhascos pelos echos das vozes dos homens ; e os penhascos mudos não ousarão repettir-me os sons fallazes d’essa voz.

Eu direi ás ruinas : ‘Que é das mãos que vos construíram, que é das raças que vos habitaram?’

E as ruinas se callarão ; mas a pedra de um sepulchro fallará por ellas.

A pedra do sepulchro dirá : ‘A morte passou , e as suas pégadas ficaram impressas no caminho dos seculos.’

Solidão, eu te saúdo ! silencio dos bosques, salve !

II.

Que doce não é fugir dos homens para viver com as plantas !

Que prazer não é deixar essas habitações alinhadas pelo prumo de sua pequenez ; e vir no desalinho dos campos folgar em liberdade com a natureza !

Nascentes que rompeis do seio das rochas ! vós não sois comprimidas nos estreitos cannaes que fabricou a arte :

Livres surgis da terra, livres jorrais das penhas ; e livres correis dos montes a cobrejar nos prados por entre o matiz das flores.

Árvores frondosas, vegetae sem medo ; a foíce do jardineiro não vos despojará da rama para o monotono prazer de luxo contrafeito.

E vós, rochedos majestosos, repousae tranquilos nas elevações da terra ; que não virá o cinzel do statuário roubar-vos as fórmãs da natureza :

Para transmittir ao neto degenerado, as feições do avô ambicioso.

Solidão, eu te saúdo! silencio dos bosques,
salve.

III.

Solidão, eu venho a ti; ja me não quero se-
nã no teu seio.

Trago o coração opprimido; ùa mão de fer-
ro m'o apperta.

O espinho da dor está cravado no meio d'elle;
a augústia o torce sem piedade.

O affôgo lhe travou das arterias; todo o péso
da desgraça está em cima d'elle.

O meu sangue ja não tem vida; e circula de
mau grado pelas veias frouxas.

Arde-me não sei que fogo no íntimo do peito;
queria chorar e não tenho lagrymas.

Travam-me na bôcca os azedumes do passado;
a aridez do futuro seccou os meus olhos.

O que foi e o que hade ser anda-me esvoa-
çando pela phantasia; são pensamentos de azas
negras como o corvo agoureiro.

O momento que é desapparece no meio d'elles;
porque não é nada.

O homem não tem senão o passado e o futuro ; o passado para chorar, o futuro para temer.

O presente não é nada ; e é so o que elle sabe.

Ja se esqueceu do passado, e o futuro não lh'o disse Deus.

Eu vivo no futuro por uma esperança mais tenue que o fio da aranha ; existo no passado porque ainda se me não foi o amargor dos tragos que bebi.

O presente está no meio, como o ponto no centro do círculo ; mas a sua existencia é chymera.

Os raios que partem para a circumferencia são reaes : tal é a minha vida.

D'aquelle ponto imaginario tiro linhas verdadeiras para o que fui e para o que heide ser ; todas vão parar na desgraça.

Eu tive coração, amei ; ainda o tenho, e amo.

Mas o meu amor fadou-o a desventura ; bafejou-o o sópro do mal.

Fui planta que so lagrymas a regaram ; o sol da felicidade não se riu para ella.

Deu flores outoniças que não desabrocharam ; o granizo as crestou, e a geada lhes queimou os germes.

Não houve esperança de fructo ; so o prazer,
mas tam louco ! — de as colhêr sem ella.

Por isso está triste a minha alma ; triste até
á morte.

E os homens cuidam que eu sou feliz ; e eu
régo de noite o meu leito com as lagrymas dos
olhos.

Porque a noite fez-se para chorar quem tem
que chorar ; de dia o avizado mente e ri.

Por isso eu não quero viver mais com os ho-
mens ; porque quero chorar de noite e de dia.

A cidade é para mim o deserto ; a solidão é
a minha patria.

Solidão, eu te saudo ! silencio dos bosques,
salve !

LIVRO SEGUNDO.

I.

A VICTORIA DA PRAIA.

Βη δάκρουν παρα θινα πολυφλοισβοιο θαλασσης
Πολλα δ' επειτ' απιευτε κιοι ηραθ'...

Do mar ruidoso ás praias mudo estava
E em taes imprecações desabafava.

ILIAD. A.

Pelas vagas azues do largo oceano,
Co'as pandas azas ao galerno vento,

Vai nobre armada ; — desdobrando ufano,
O verde pavelhão nas altas poppas
Treme ao sôpro da brisa ; e a cento e cento,
O echo reppetido,
Reflecte pelas águas o estampido
De cem canhões que troam.
— E morre pouco e pouco o som nas vagas ;
E a praia é so. A praia — onde inda echoam
A celeuma dos nautas e o zumbido
De multidão confusa — so, callada,
Erma ficou ; e nas alpestres fragas
Apenas se ouve a bulha compassada
Da ressaca, gemendo e murmurando,
Com que a maré das praias se despede,
Foge e volta, queixosa recuando :
Qual amante em custosa despedida,
Que adeus ja disse e adeus — e retrocede,
Nem partir sabe, que é partir co'a vida.

II.

E a praia é so. — Não so : n'esse penedo
Que emtórno tapeçou alga ramosa,
Um vulto vejo ainda ; mudo, quèdo,

C'os olhos longos na planicie aquosa ;
Disseras que o feriu c'o mago dedo
De Harpocrates a sombra mysteriosa,
Que n'uma estátua sua o transformára,
E so vida nos olhos lhe deixára.

Como que lhe cahiu desfallecida
A esquerda sôbre uma harpa desmontada,
E, com a dextra longa e estendida
Para o extremo horisonte, aponta á armada
Que a velas cheias cingra, e desferida
De amigo vento, corre impavezada :
Debuxa o rosto magoado peito,
De extranho menestrel é o traço e aspeito.

III.

Mas lá se move, e em pé sôbre a alta roca,
Como inspirado subito
De espirito fatidico,
Com a trémula mão nas cordas toca
Da harpa, que em sons responde inda mais tremulos.
Que, alto e alto crescendo, agudos vibram,
E entre pena e saudade e glória e mágoas,
Assim coavam nas frementes águas:

Que n'uma pomba de esperança,

E so vida nos voga n'arca mysteriosa ;

Que no dia da bonança,

Quando a enchente procellosa

A voz do Eterno parar,

Pinhor da nova alliança,

Tu a nós hasde voltar.

Sôbre a lodosa voragem

Que inda cobre meio mundo,

Deixa o corvo negro, immundo

Sua sêde de carnagem

Em cadaveres faltar.

Para a pombinha mimosa

Hade chegar o seu dia ;

E quando a flor d'alegria

Na oliveira despontar,

C'o raminho de esperança

Pinhor da nova alliança,

Tu a nós hasde voltar.

Mas que altivo baixel vai cingrando
 Pelo esteiro da armada leal,
 Nem as Quinas do Luso arvorando,
 Nem a Cruz do paiz de Cabral?
 Que annuncia esse infausto pendão,
 Estendarte de morte aziago?
 Foge, foge, ó Maria, á traição;
 São as côres da nova Carthago.
 Não o ves de cruor salpicado
 Tremular co'essas nódoas fataes?
 É o sangue á traição derramado,
 É o sangue dos teus mais leaes.
 — Não se lavam do Nilo na glória
 Essas manchas de opróbrío e de horror;
 E immudece o clarim da victoria
 Da Terceira ao gemido clamor.
 Carthago desleal, embalde atroam
 Teus Hannons, teus Amilcares traidores

O incredulo fóro que povoam
 Turba de vis, venaes declamadores,
 E á tua plebe estúpida os pregoam
 Da republica os fortes defensores :
 Essa nódoa jamais hasde lavá-la,
 E o universo em seu dia hade vingá-la.

Seu dia hade chegar : ja desvendados
 Se espantam do tam longo soffrimento
 Os povos opprimidos e ultrajados ;
 Ja seguem com o ancioso pensamento
 Ao Scipião do oriente, alvoraçados
 O invocam contra Hanníbal fraudulento ;
 E folga o mundo ao contemplar presago
 Nas ruinas de Bizancio as de Carthago.

IV.

Assim cantava o peregrino vate
 Nos rochedos do exilio ; e as ermas praias
 Da inhospita Carthago resoavam
 C'os despeitosos sons que n'harpa troa
 Fremente indignação. Medonha emtanto
 Em derredor a cerração crescia,

E as grossas gottas raras que despedem
As tumescentès nuvens, os lampejos
Que a mais e mais, de perto e perto amiudam,
Annunciavam tremenda tempestade
Que a instantes vai a desabar no pégo.

V.

Eis subito, onde as nuvens mais opacas,
Mais pejudadas do fluido se mostram
Que so a Fránclyn subjugar foi dado,
Rompe e em golpes de luz no ceo fulgura
Raio, que segue horrisono estampido
De trovão, d'echo em echo reboando
Por ceos e máres, longo e longo... Os seios
Das nuvens se rasgáram; e entre o vívido,
Fluctuante clarão de mil relampagos,
Do atonito vate avulta os olhos
Assombrosa visão. N'um corcel branco
Da côr da lactea-via lhe apparece
Um cavalleiro ancião; lucidas armas
De espelhado-brilhante ferro o vestem;
Descem-lhe as alvas, venerandas, barbas
Té ao peito, onde a cruz de ouro, pendente

Do equestre collar, sôbre o aço fulge ;
Na esquerda o Real pendão de Ourique ostenta,
E ponderosas chaves traz na dextra,
Que aperta, e cuidadoso olha e segura.
Tal ás margens do Tejo iria outr'ora
A Toledo em briosa romaria
Da lusitana lealdade o symbolo ;
Tal de Martim-de-Freitas nos figura
O vivo imaginar, aspecto e fórma.

VI.

' Suspende as notas do despeito iroso,
Brada o celeste cavalleiro ao vate :
' Cessa o funebre canto doloroso,
E n'harpa lusitana os sons antigos
Acorda da victoria ;
Hymnos intoa de triumpho e glória.
Inda ha sangue do meu por essas veias
Da gente portugueza ; extincto ainda
Não foi o sancto amor da liberdade
Que os lusitanos peitos incendia,
Nem o timbre da honra e lealdade
Que entre os povos da terra os distinguia.

' No meio d'esse pégo (e co'a bandeira
 Apontou para o último occidente)
 N'uma isolada rocha, que a fogueira
 Das subterraneas furnas sempre ardente
 De contínuo rescalda, a derradeira
 Leal phalange intrepida e valente
 Com sangue imigo e seu tinge o oceano,
 E a nódoa lava ao nome lusitano.

VII.

' Olha, e verãõ teus olhos o alto feito
 A alta glória dos teus. ' — Disse, e brandindo
 Na dextra a lança, para o Oeste accena:
 No concavo do escudo as ferreas chaves
 Deram tremendo som. O echo dos máres
 O repettiu, e a negra tempestade
 Immudeceu ante elle; as nuvens fogem,
 Os brados do trovão sumidos morrem,
 E ao derradeiro lampejar dos raios,
 Como elles, des'parece o cavalleiro,
 Um sulco d'alva luz té o horisonte
 Descrevendo nos ceos: — e qual nas scenas
 Subito corre a tela, e ostenta aos olhos,

Por feiticeira maravilha d'arte,
As terras longes e apartados povos
Que além máres, que além desertos jazem ;
Tal aos olhos do vate deslumbrados
O magnífico aspecto se descobre
De uma ilha vecejante e pampinosa,
Que ante elle, qual Delos, se offerece,
Ou qual ao domador das íras cruas
Do fero Adamastor a dos Amores.

VIII.

Alcantiz bravos deredor a cercam ;
E nos erguidos cumes picturescos
De seus montes vegeta em morna cinza,
De mal extinctas crateras emtórno,
Todo o luxo de Flora e de Pomona,
Que ao lourejar de Ceres dá realce
E c'os thyrsos de Baccho se mistura.
O tempestuoso Atlantico lhe quebra
Nas ouriçadas pontas dos rochedos
Que em orla a cingem ; e onde em amplo seio
Mais á larga lhe é dado entrar na praia,
Sóbre a pallida areia em rolos bate
E em alva franja se desfaz de espuma.

IX.

A espaços, e uns sôbre outros torreando,
 Baluartes avultam, e alto ondeia
 À matutina brisa, n'hástea erguido,
 Das nobres Quinas o estandarte antigo.
 Rara nebrina cobre em parte o resto :
 E á sombra d'ella, impavezada frota
 Vai na inseada penetrando a furto...
 — Quinas tambem arvora ; mas infame
 Quebra de bastardia a meio parte
 O glorioso escudo ; e o sangue fresco
 Na alvura da bandeira lhe resumbra...
 — Que sudario de mortos a disseras
 N'uma armada de sombras defraldado
 A aziago vento nos pegões da Styge.

X.

Deu signal a atalaia n'alta tôrre,
 E as negras bóccas dos canhões romperam
 O crebro fuzilar ; os arcs cortam,
 Cruzam-se as péllas que de morte sylvam ;

E os echos das pacíficas montanhas
Pasmam dos sons de guerra que repettem.

Nas naus desaba o rapido granizo

Do saltante peloiro; e o crebro estallo

Da palpitante, trépida granada

Ferve de terra e mar.

XI.

Mas já, baixando das erguidas poppas

Das alterosas naus, leves esquifes,

Armadas lanchas n'agua vão poisando,

E a inseada povoam: lentas descem

As phalanges dos bravos, que mal soffrem

Ir ao feito traidor co'as mesmas armas

Que leaes nos campos de Coruche e Prado

Tanta glória ganharam... Instam cabos,

Blasphemos centuriões, a infames brados

De ameaças, os pungem... Cede á fôrça

O soldado fiel, mas n'alma leva

A tenção fixa de lavar a injúria

No sangue vil do chefe que o deshonra

Movem-se os remos; e, entre o fogo e a morte

Audazes penetrando, á praia abicam:

E braço a braço, peito a peito, encontram
O cidadão c'o escravo ; — trava a lucta
Da perjura traição co'a lealdade,
E investe a escravidão co'a liberdade.

XII.

E quem são esses nobres defensores,
Que, em podêr tam pequeno, fixos, quedos
Aguardam seus terriveis aggressores,
E immoveis sôbre as pontas dos rochedos
Parecem desafiar seus vãos furores ?
Ri-lhe a victoria ja nos olhos ledos,
Não bate o coração, tranquilla é a alma ;
E a sorte esperam que lhes traga a palma.

A desmedida fôrça do inimigo
Não parecem contar ; ou, se a contaram,
Suppõe-se cada qual n'este perigo
Que o ânimo ou os braços lhe dobraram :
A injúrias taes e tantas dar castigo
Os piedosos destinos lh'outorgaram
E so contam, so vêem co'a longa esp'rança
As delicias da proxima vingança.

XIII.

Quaes injúrias, que affrontas? — Inda echoa
Do disperso senado nas abobedas
Calumniosa voz que altiva soa,
E de insultos cubriu a escolha impavida

Da lusa mocidade,
Que armas em vão pediu, e ás armas corre
Que lhe vedam traidores,

Combate, vence, onde não vence, morre,
E insina a seus covardes detractores
Que é mais fiel o cidadão que o escravo,
E que no peito do liberto bravo

A antiga lealdade
Remoça e cresce mais co'a liberdade.

XIV.

Tu o dize, ó magnanimo guerreiro,
Glória da patria, em cuja nobre espada
Da afflicta Lysia o amparo derradeiro,
A derradeira esp'rança está firmada :
Dize-o tu, Villafior, quando primeiro

Assomaste na altura alcantilada,
Que assombros de valor, de patriotismo,
Que milagres não viste de heroismo !

XV.

Qual, a travez de insolito perigo,
Vai de soccôrro a Dio o Castro forte,
Tal, entre a densa esquadra do inimigo,
O ardido Villafior, sem medo á morte,
Villafior dos rebeldes o castigo
E a quem domada não resiste a sorte,
Nas praias de Angra impavido surgíra,
E com elle a victoria que o seguíra.
E que pensaveis, desleaes traidores?
Incontrar so valor? — Teem cheffe agora
Da patria liberdade os defensores :
Na tenda imbelle por Briseis não chora
O Achilles portuguez, e seus furores
Muito sangue leal inulto implora ;
Não ha comvosco Heitor que vos defenda,
E Páris foge da marcial contenda.

XVI.

Ei-los ! ei-los que estolidos correndo,
 Cegos se appressam a encontrar seu fado :
 ‘ Matae, não deis quartel ’ com gesto horrendo
 O chefe canibal brada ao soldado.
 ‘ Perdoae, perdoae ; crime tremendo
 ‘ È o d’elles (do heróe tal era o brado),
 ‘ Mas não sigaes o exemplo do tyranno,
 ‘ Poupae, poupae o sangue lusitano.’

Trava a peleja : quaes leões feridos
 Os renegados chefes accommettem,
 E blasphemando em horridos bramidos,
 Instam c’os seus, despojos lhes promettem ;
 De affrontosos supplicios, que aos vencidos
 O vencedor prepara, lhes repettem
 Fábulas mil com que o soldado excitam,
 E a combater, mau grado seu, o incitam.

XVII.

Mas não descança a espada que tempéra
 Fogo que ardeu no altar da liberdade ;

Nos gumes lhe poisou a morte fera,
 E nas mãos da briosa mocidade
 É raio que fulmina e reverbera,
 Raio de honra, valor, de heroicidade,
 Que nos rebeldes campeões desfeixa
 E em negras cinzas sôbre a praia ós deixa.

XVIII.

Um por um cahem na contenda ingloria,
 Deshonrados cadaveres,
 Tropheo ignobil que desdenha a glória,
 Que á corda do patibulo
 Roubou com pejo a espada da victoria.

Soprae do oceano tumido,
 Soprae, ó ventos, derramae nos ares
 Cinzas que a mão do algoz devia aos máres.

E vós, illusas victimas
 Da tyrannia perfida,
 Vinde, acolhei-vos ao amparo amigo
 Da bandeira leal:
 Soldados, ja não ha mais inimigo;
 Bradae: — ‘ Real, Real !

Por Maria, bradae, de Portugal !

‘ Viva Maria e viva a liberdade ! ’
Com lagrymas responde e a brados clama
O soldado corrido e invergonhado.
Nas fileiras da antiga lealdade
Á voz se uniram do heroe que os chama,
E bemdizendo a mão que os ha salvado,
Lavar promettem a manchada fama
No sangue d’esse monstro de maldade
Que a patria c’o roubado sceptro opprime
E involuntarios os forçou ao crime.

XIX.

Vencidos, vencedores, abraçados,
Todos triumpham na ganhada glória ;
Da mesma causa todos são soldados,
E unidos cantam a commum victoria :
Os seculos por-vir lerão pasmados
Prodigio tal na lusitana historia...
O eccho dos máres que repette o canto
Nas vagas se ouve murmurar d’espanto.

XX.

Sonoros rufam tremulos tambores ;
Os bravos batalhões, de Ourique intoam,
Em côro marcial, leaes clamores ;
E as alternadas coplas, que resoam
Como em resposta, se unem aos clangores
Das trompas, — dos clarins que agudo soam ;
Brande-se a espada inda sanguenta e nua,
E a bandeira Real no ar fluctua.

CÔRO DOS SOLDADOS.

Real ! Real ! Real !
Real por Maria de Portugal !

UMA VOZ.

Repitta a Terceira as vozes de Ourique
Que ao throno elevaram o filho de Henrique,
E a filha de Pedro ao throno alçarão.

Viva Maria e viva a liberdade!

Com lagrymas responde o côro. brados clama

O soldado corrido e invencido.

Maria protege a constituição.

Os bravos da liberdade

Em côro misto, ALGUMAS VOZES,

E as alternadas sopras, que ressonam

E viva Maria, viva a liberdade!

Miguel é tyranno

Feroz, deshumano,

Que reinar não hade.

XIX

CÔRO D. DADOS.

Vencidos, e libertados,

Todos triumphamos Real! Real! Real!

Real por Maria de Portugal!

E unidos cantamos victoria

Os seculos por-vir UMA VOZ.

Prodigio natural na historia

Victoria cantemos, victoria, victoria!

Maria triumphou: — seu nome é de glória,

Seu nome, que adora a lusa nação...

CÔRO.

Defende, protege a constituição.

ALGUMAS VOZES.

E viva Maria, viva a liberdade!

Miguel é tyranno

Feroz, deshumano,

Que reinar não hade.

CÔRO.

Real! Real! Real!

Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ.

Sua mão delicada bordou a bandeira
Que altiva tremúla na heroica Terceira:
Cantemos, alcemos o invicto pendão.

CÔRO.

Maria protege a constituição.

ALGUMAS VOZES.

E viva Maria, viva a liberdade!

Miguel é tyranno
Feroz deshumano,
Que reinar não hade.

CÔRO.

Real! Real! Real!
Real por Maria de Portugal!

Lond. 1829.

II.

II.

O JURAMENTO.

CANTO PATRIÓTICO.

Posuisti nos opprobrium vicinis nostris...

Exurge, quare obdormis, Domine?

PSALM. XLIII.

1.

Deus, que ouviste o juramento

Do teu povo lusitano,

Oh rei dos reis soberano,

Ouve-o, que a ti vem bradar!

Nós jurámos: sancta jura

Que ninguém fará quebrar.

II.

Nossas armas humilhadas
Que abandonou a victoria,
Estes pendões ja sem glória
Depomos no teu altar.
Mas juramento que démos
Ninguem nos fara quebrar.

III.

Ja tua mão omnipotente
Sôbre nós luz co'a esperança,
Ja vem o Iris da bonança
No horisonte a raiar.
Juramento que lhe démos
Ninguem nos fara quebrar.

IV.

Do nosso libertador,
De dous mundos maravilha,
Eis do grande Pedro a filha
Que sôbre nós vem reinar.
Juramento que lhe démos
Ninguem nos fara quebrar.

.V.

Nas tenras, ungidas mãos
 A paterna majestade
 Pôs a nossa liberdade
 C'o proprio sceptro a guardar.
 Juramento que lhe démos
 Ninguem nos fara quebrar.

VI.

Nós, invocando o seu nome,
 E o teu nome, ó Deus de Ourique,
 Do filho do grande Henrique
 O pendão vamos hastear:
 Jurámos — e o juramento
 Ninguem nos farà quebrar.

VII.

São tambem teus inimigos
 Os crus inimigos seus,
 Que renegaram de Deus
 Antes de a patria negar.
 Nós, a jura que fazemos,
 Ninguem nos fara quebrar.

VIII.

Vamos, a esses traidores
 Que a tua lei desprezaram,
 Que a lei do Povo calcaram,
 Vamos, Senhor, castigar.
 Este sancto juramento
 Não no'lo deixes quebrar.

IX.

Confunda-os, Senhor, tua íra,
 Desarme-os teu braço eterno;
 Manda a confusão do inferno
 Suas hostes baralhar:
 Que nós jurámos — e a jura
 Ninguém nos fara quebrar.

X.

Jurámos livrar a patria,
 A patria libertaremos;
 E, no throno que lhe erguemos,
 A Rainha hade reinar.
 Jurámos, sim; e ésta jura
 Ninguém nos fara quebrar.

VI

III.

NO ALBUM DE UM AMIGO.

Nos valles do destêrro são colhidas
Éstas singelas, desmaiadas flores
Que por mãos da Saudade vão tecidas
C'os acerbos espinhos de suas dores :
Mas doce esp'rança as leva offerecidas
Ao casto altar dos conjugaes amores ;
E ahi, morta a Saudade na ventura,
Os espinhos cahirão — Amor o jura.

VIII.

Vamos, a esses traidores, amaldiçoados
 Que a tua lei desprezaram,
 Que a lei de Pava calcaram,
 Vamos, Senhor, castigar.

IV.

NÃO CREIO N'ESSE RIGOR.

III

Confunde-os, Senhor, tua ira,

Não creio n'esse rigor

Que nos olhos se desmente :

É traidor

O deus d'amor

Mas em teus olhos não mente.

Deixa pois tanto rigor,

E na verdade consente :

Que é traidor

O deus d'amor

E nos olhos té desmente.

V.

RAMO DE CYPRESTE.

Á EX. SRA. D. ANNA L. DE T.

A ésta frente desbotada
 De angústias e dissabôres
 Não cabe o louro da glória
 Nem as rosas dos amores
 A triste fado votada,
 Sem renome, sem memoria,
 Nem terá piedosas flores
 Sôbre a campã abandonada.
 Sei que do negro cypreste
 Só me toca a palma obscura...
 Mas nem essa rama escura

Que por tuas mãos colheste,
Nem essa quiz a ventura
Que me viesse coroar...
Tam cruel é minha estrella
Tam funesto é meu dezar.

À mão innocente e bella
Que o triste ramo colheu,
Por mui alto para meu,
Volta pois o dom fatal ;
Mas fica, esse sim, o agoiro
Que prophetiza o meu mal.
— Oh ! quando faminta espada
Ou sibilante peloiro
Houver emfim terminada
A amarga, penosa vida...
Ao menos — se, assim pedida,
Mercê tal é de outorgar —
D'esses teus olhos divinos
Uma lagryma sentida
Venha piedosa os destinos
Do proscripto vate honrar.

Singelha de tres folhas
 Co'a musqueta deparou
 E em seu calix-meio-aberto
 Oh que thesouro encontrou!

Como a abelha diligente
 Que busca a singela flor,

VI.

Um singelo cor.
 Tambem so procura amor.

FLOR SINGELA.

Paris 1833.

NO ALBUM

DE S. A. A. S. S. I. D. A. J. M.

Linda flor que nos jardins
 Fôrça d'arte cultivou
 Tem dobrada a folha, o cheiro,
 Mas de fructo se privou.

Passa abelha diligente,
 E admirou tanto primor ;
 Mas para os favos o nectar,
 Vai buscá-lo a outra flor.

Singelinha de tres folhas
 Co'a musqueta deparou,
 E em seu caliz meio-aberto
 Oh que thesouro encontrou !

Tam funesto é meu deixar.
 Como a abelha diligente
 Que busca a singela flor,
 Um singelo coração
 Tambem so procura amor.

Volta p. ALEXANDRE

Mas não, esse sim, e Paris. 1833.

Que propheta

— O

Qu sibilante peixe

Haver em

A linda flor que nos jardins

Forçadamente — nome

Tem dobrada a folha e cheira

Mas de fructo se privou

— e

Pasa abelha diligente

E admira tanto

Mas para os lavos e nectar

Vai buscar a outra flor

VII.

RAMO SÊCCO.

NO ALBUM

DE UMA SENHORA BRASILEIRA.

No paiz doce de Cabral nascida,
 Affeita áquella eterna primavera
 Que perpetúa a vida
 Na folhagem vivaz que não se altera,
 Nem conhece as fadigas e a pobreza
 De nossa lenta e velha natureza,

Porquê, filha mimosa
 Da Atlantida formosa,
 Porque tam tarde vens, nos tristes dias
 De nosso feio hynverno,
 Visitar éstas praias tam sombrias,
 Éstas devezas horridas e frias,
 So povoadas pelo gêlo eterno?

II.

JIV

Bem te quero brindar, que es boa e bella ;

Mas confuso e corrido

Venho co'as mãos vazias ,

Que por esse vallado desabrido

Nem bonina singela,

Que offertar-te, desponta...

A queimada vergonta

Da comhatida estava

Açoita o furacão ; o alvor que neva

Pende entre os ramos sêccos do arvoredó,

E escarnece com perfido arremêdo

Os seus mortos amores

Que tarde — ai, tarde ! — volverão co'as flores.

Oh! quem não deves ignorar-lo
 Para ser feliz III.
 Era feliz com mentira...

E que culpa tenho eu que, desperdiçada
 Em dons contigo e com teu doce clima,
 Tam pouco me deixasse a natureza,

Tam pouco e minguido?

— Ves : o pobre poeta estropeado,
 Velho no coração, velho na rhyma,

Não tem, na sua pobreza,
 Com que te pôr aqui outra memoria

De sua boa amizade,

Mais do que um sêcco ramo de saudade,
 Sem flor, sem folhas... todo o viço e glória
 Se lhe foi com o hynverno d'esta idade,
 Velhice d'alma... oh! tam desconsolada,
 Tam peor que a do corpo! — descontento
 Perenne, tam pesado e sem confôrto,

E em que, por mór tormento,
 Sente a alma ainda — e o coração é morto.

Que os olhos não se abram
 Não, não creio nos teus olhos
 Brux. 1836.

Se conheço a minha custa
 Que o que dizem não se dá...

Perquê, minha menina

De Atlanta III

Porque tam tarde sou, meu coraço
 E que culpa tenho eu que esperanças
 Em dons contigo e com teu doce olhar
 Tam pouco me deixaste a natureza
 Tam pouco a mim mesma? e se por
 — Ves : o pobre poeta estrepado,
 Velho no coração, velho no rhythmo,

VIII.

Não tem, não tem, não tem

NUNCA MAIS.

De sua vida e de sua morte

Mais do que um seculo tanto de saudade

Sem flor sem folha, todo o vicio e gloria ou

Que eu cuidava que era men

Deu-me depois tal tormento

Qual, coisa nunca me deu

CHIFFAL.

Petenne, tam pesado e semi confido

E em que, qual meu tormento e etico

Penso ainda — e o coração e morto, fado

Não, não creio nos teus olhos :

— Se eu ja sei o que elles mentem !

Se conheço á minha custa

Que o que dizem não sentem !

Oh! quem me dera ignorá-lo
 Para ser feliz ainda...
 Era feliz com mentira;
 Mas se a mentira é tam linda!

Mas se a mentira é tam linda!
 Mas se a mentira é tam linda!
 Mas se a mentira é tam linda!

Nos vagos gyros II. dança

Que ante mim se confundia!

Uma vez — ha quanto tempo!
 Seis lentos gyros no ceu
 A lua inteiros volveu,
 E aquelle instante divino
 Na memoria de contino,
 Inda me não esqueceu!
 — Uma vez, teu braço trémulo
 No meu braço repousava,
 De tua bócca celeste,
 Anjo do ceo que então eras!
 Aquella voz desprendeste
 Que sumida e vacillante
 Aceitou meu voto amante...

 — Mal o labio a proferiu,

Mal o ouviu-a e sentiu ; Oh ! quem !
 Mas ouviu-a o coração. Para ser a
 — Não, que a ventura não mata,
 Por isso alli não morri : Mas se a
 Mas foi peor do que a morte,
 Mais fatal... — indoudeci.

III.

Lembra-te ? Foi longa a noite :
 Longa aos outros pareceu :
 A mim voou-me entre glórias,
 Como os instantes do céu.
 Lembra-te ? — O resto da noite,
 D'esses olhos eloquentes
 Que expressões tam vehementes
 Sahiram de amor, de fe!

 Vivi um seculo inteiro
 N'essa noite de ventura,
 Vivi na illusão, no ingano ;
 Mas erro tam, lisongeirão !
 Oh, porque ainda não dura !

IV.

Da côr da aurora que nasce, Oh!
 Entre roxo e côr de rosa,
 Vestida essa fôrma airosa
 Inda a vejo que balança
 Nos vagos gyros da dança
 Que ante mim se confundia!
 E eu desvairado, eu sem tino,
 Eu que a ti — a ti so via...
 Hoje ainda, ainda agora
 Vejo em teu rosto divino
 Aquelle brilhar d'aurora
 Que tanto me promettia...
 Oh! mas a aurora mentiu;
 Que veio importuno dia
 E de nuvens se cubriu.
 Sei que apparencias culpadas
 Estiveram contra mim...

Mas julgar, punir assim

E sem ouvir

Oh! como eu então vivi!

Como de ancia e de amargura

N'esses dias não morri!

Foram seculos pesados,

Longos, lentos, — e contados

Hora a hora de tortura.

VI.

Via-te, e nem ver-te ousava:

N'um tremor, n'um paroxismo,

De tua vista recuava

Como se fosse do abysmo.

Fugia de ti: — mesquinho!

Com te não ver me matava.

Triste de mim! e era morte

Mais cruel se te encontrava.

Teus olhos, aquelles olhos

Onde bebi tanto amor,

Teus olhos, fugia d'elles,

Cobrei-lhes medo e terror.

.

E se os traidores, um dia,
 Por cruel divertimento,
 Renovando o ingano antigo,
 Me dessem novo tormento?..
 Co'a so idea do p'riço
 Todo eu estremecia,
 E do horrivel pensamento
 Como um covarde tremia.
 Jurei, protestei mil juras...
 — Para insensato as quebrar!
 Bastou-te querê-lo um dia,
 E eu proprio — fui-me intregar.

VII.

Espessa treva fazia
 N'aquella solemne estancia,
 E em pausada consonancia
 A voz da oração se ouvia.
 Interno presentimento
 No coração me batia...

Mas era o fatal momento,
— Fatal, funesto, fadado...
E ninguém foge ao seu fado.
Não fugi, fiquei, — perdi-me.
E sem combater — rendi-me...
Com um so de teus sorrisos
— D'aquelles que dás a mil ! —
Em meu peito arido, morto
Mais esperanças nasceram
Do que flores tem abril :
Tristes flores, que vieram
Sem abrigo nem confôrto ,
E açoitadas dos granizos,
Dos *varios* ventos, morreram !

VIII.

Que novos sonhos sonhei
De amor, de felicidade !
Com que feia crueldade
Teus lindos olhos fingiam,
Tam expressivos diziam,
Cruéis !... o que não sentiam !

IX.

Ah! quebrou-se enfim o incanto,
 Já me não tórno a illudir;
 Foi sonho de que acordei
 E que não volto a dormir:
 Que d'esta vez entrou n'alma
 Socegado o Desingano,
 E, um por um, co' dedo experto
 Os golpes do coração
 Andou sondando sem dó:
 Hade curar-se, elle diz,
 Fica leso — e porque não?
 De que me serve elle agora?
 Para amar-te o tinha eu so,
 So para t'o dar o quiz...

X.

Vai... de quanto coração
 Em peito d'homem batia
 O mais valente quebraste,
 Pois com tanto amor podia,
 Todo o amor que lhe inspiraste.

Vai... como este coração
Não fez outro a natureza,
Formou-o co'a mesma mão
Com que fez tua belleza :
Unicos ambos ! — J'agora
Brilharás entre os mortaes,
Reinarás, serás senhora,
Serás admirada — Embora !
Mas amada... nunca mais.

1837.

Em seus lábios um sorriso
 E a luz do paraiso;
 E o corar da face linda
 E desbrochar de rosa
 Que a manhã, com a sua vinda,
 Debrunçou n'áestas mimosas
 Para invicis das mais flores.
 — Assim fôra ella — singela
 A minha rosa tam bella,
 Nem mudasse assim amores
 Como as outras folhas e côres!

183...

IX.

A MINHA ROSA.

Quem, se uma vez pôs os olhos
 N'aquella — face tam bella,
 Não viu n'ella — a sua estrêlla,
 Rainha dos seus amores?

Em seus labios um sorriso
 É a luz do paraizo ;
 E o corar da face linda
 É desabrochar de rosa
 Que a manhan, com a sua vinda,
 Debruçou n'hástea mimosa
 Para inveja das mais flores.
 — Assim fôra ella — singela
 A minha rosa tam bella,
 Nem mudasse assim amores
 Como as outras folha e côres !

183...

.XI

.A MINHA ROSA.

Quem, se uma vez pôs os olhos
 N'aquelle — face tam bella,
 Não viu n'ella — a sua estrella,
 Hainha dos seus amores ?

Fallou-te a voz de minha alma,

A tua não n'a intenden;

Coração não tens no peito,

Ou é diffrente do meu.

Queres que em lingua de terra

Se digam coiza do ceu?

Coração que tal deseja;

Não n'o quero para meu.

...1831

XI.

Q. IMPRIMADO.

X.

SUSPIRO D'ALMA.

Suspiro que nasce d'alma,

Que á flor dos labios morreu...

Coração que o não intende,

Não n'o quero para meu.

Fallou-te a voz da minha alma,
A tua não n'a entendeu :

 Coração não tens no peito,
 Ou é diff'rente do meu.

Queres que em lingua da terra
Se digam coisas do ceu ?

 Coração que tal deseja,
 Não n'o quero para meu.

Como as outras folhas e c... 183...

X

SUSPIRO D'ALMA

 Súspiro que nasce d'alma,
 Que a bor dos lábios morreu...
 Coração que o não entende,
 Não n'o quero para meu.

XI.

O IMPRAZADO.

They seem'd... unto the last
 To... forget the present in the past,
 To share between themselves some separate fate
 Whose darkness none beside should penetrate.

BYRON, LARA.

I.

No chão a hástea da lança está cravada ;
 E a luzente armadura
 Em tropheu se incastella
 D'emtórno da hástea dura.

Brilha, na cinzelada,
Ponderosa rodella,
O antigo emblema heraldico sabido,
Que o nome conhecido
Do senhor d'essas armas apregoa.
O elmo implumado, que brilhante c'roa
O soberbo tropheu,
Ao vento baloiçando, ouco reboa.
Vai socegada resvallando a lua
No puro azul do ceu,
E nas fulgentes laminas
Cahem seus raios tremulos,
Como o vago lampejo
De luz que surde de incantado brejo.
O pendão inrolado,
Nas mysteriosas, variadas côres,
Traz segredo d'amores
A ninguem revelado:
Ou, se alguém o intendeu, não n'ó dissera,
Que n'essa hora morrêra.

III.

II.

É a justa ámanhan, cavalleiros,
É a justa ; acudi a brigar.
Quem ficar na tranqueira estendido,
É signal que era fraco no amar.

Pois venha ja brigar, pois venha ja morrer,
Quem diz que tem amor, quem n'ó quer merecer !

Tropheu que ahi se ergue arrogante,
Um nobre senhor o arvorou :
Quer ser elle o mais fino amante ;
Sua bella, a mais bella a jurou.

Quem se atreve a dizer-lhe que não?
Quem se atreve a tocar-lhe no escudo
Com a ponta da lança ou contão?
Quem se atreve? Ninguem. Ficou mudo
O tropel dos guerreiros então.

III.

Arreda, arredar, fasta, affasta!
Que ahí vem, brida sólta, correndo
Guerreiro de aspecto tremendo,
Montado n'um negro corcel.

No escudo não tem mais quartel,
Tenção nem lettreiro que diga
A imprêza de guerra que siga,
A dama que sirva de amor.

Da guerra d'elrei Almançor
Virá co'essas armas sangrando,
Ou foi que na estrada algum bando,
O quiz, por má traça, matar?

Não sabe ninguém deciphrar
Mysterio de tanto segredo...

Chegou elle, — investe sem medo
O altivo tropheu do senhor:

Feriu-o no ponto d'honnôr,
Do conto da lança lhe dava,

O escudo insolente voltava
Ao nobre, suberbo campeão...

IV.

Em sua tenda de damasco
Bordado de oiro á porfia,
Alli jnncto ás suas armas,
O nobre dono dormia.

Ouviu o golpe atrevido
Que no escudo lhe batia ;
Chamou pagens, escudeiros,
Muito á pressa se vestia.

No escudo das suas armas,
O coração lhe dizia
Que um homem so n'este mundo
A tocar se atreveria.

Não quer lança nem cavallo,
Seus homens não requeria ;
Co'a espada nua na mão,
So, pela tenda sahia :

— ' Aqui estou ' diz ' que me queres ? '

E a forte voz lhe tremia...

— ' A tua vida, imprazado,

Que ja passou anno e dia. '

VI.

Não houve mais fallas ; o nobre imprazado
 Montou na garupa do negro corcel.
 Partiram correndo por monte e vallado,
 O estrondo fazendo d'um grande tropel...

D'alli a tres dias, tres noites contadas,
 Sahiu sahimento com grande primor
 D'allêm do castello de Penamacor :
 Duas tumbas levava pregadas, fechadas...
 Junctava-se o povo de todo o arredor
 A ver sahimento de tanto primor.
 Mas cruz nem caldeira, ninguem n'a levou :
 Sem rezas nem frades, o intêrro passou...

VI.

N'aquelle castello dois irmãos viviam...

Nunca mais os viam.

E a bella condessa

De Penamacor

D'alli a um anno é freira professa

Em San' Salvador.

XII.

A ESTRELLA.

Ha uma estrèlla no ceu
Que ninguem ve senão eu :
Inda bem ! — que a não ve mais ninguem.

Como as outras não reluz,
Mas dá tam serena luz,
Que inda bem ! — não a ve mais ninguem.

No cantinho azul do ceu
Onde ella está, não digo eu
A ninguem ! — sei-o eu : inda bem.

Não houve mais fallas, o astro imprazado
 Montou na garupa do negro torçido,
 Partiram correndo por montes e collados,
 O estrondo fazendo d'um grande tropel...

D'alli's tres dias, tres...
 Sabia sabimento com grande prouco
 D'alli's do castro...

XIII.

Das tumbas lavadas...
 Junctura de o povo...
 A ver sabido...

L'ALCYON AU CAP.

Mas bem! — que a não ve mais ninguém
 Sem rezar...
 Como se outas não fôr...

This is to be alone, this is solitude.

Chante et rase les flots d'une aile paresseuse!
 Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
 Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
 Vogue mollement balancé!

Moi, je sens que je touche au terme du voyage
 Quelques douleurs encor : puis la paix du cercueil !
 Ne me plains pas ! tout-tout sur moi croûte l'orage ;
 Mieux vaut dormir au port que trembler sur l'écueil.
 Avant d'aller en mer, on dort bien sur le rivage
 Que si l'on n'est pas en mer, on dort bien sur le rivage

Mais, toi ! rase les flots d'une aile paresseuse !
 Toi qu'un enfant tient sur sa couche bercée,
 Chante, doux Alcyon, l'onde amoureuse.
XIII.
 Vogue mollement balancé !

O ALCYON NO CABO.

TRADUÇÃO.

Heureux ! tu n'es point lui la famille chérie
 Tu n'es point triste et seul par la vague emporté
 Ton doux nid
 Te suit
 Isto sim que é estar só.
 Canta, e co'a ponta d'aza prigueirosa
 Varre a onda serena !
 Como o innocente que no berço imballam
 Com branda cantilena,
 Canta, suave Alcyon, e mollemente
 Voga ao som d'agua amena !

Moi, je sens que je touche au terme du voyage.
Quelques douleurs encor : puis la paix du cercueil !
Ne me plains pas ! long-temps sur moi gronda l'orage ;
Mieux vaut dormir au port que trembler sur l'écueil.

Mais, toi ! rase les flots d'une aile paresseuse !
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
Vogue mollement balancé !

Heureux ! tu n'as point fui ta famille chérie,
Tu n'es point triste et seul par la vague emporté
Ton doux nid t'accompagne, et toute une patrie
Te suit et vogue à ton côté.

Por mim, ja da viagem chego ao termo.

Mais uma dor talvez...

E o túmulo depois : ninguem me cuite !

Descançarei de-vez.

Antes quero dormir no porto agora

Que ir dar n'outro revez.

Tu canta, e varre co'a aza priguiçosa

Essa onda serena !

Como o innocente que no berço imballam

Com branda cantilena,

Canta, suave Alcyon, e mollemente

Voga ao som d'agua amena.

Feliz es tu, que nem os teus deixaste,

Nem vais triste e sosinho,

Das ondas tempestuosas arrojado

A ignorado caminho :

Comtigo a patria, aonde vais, a levas

Boiando no teu ninho.

Uma luz alvacaça que me cega

Mais que a noite sombria !

Loin, bien loin, de ma vue est le toit que j'implore ;
 Loin, bien loin de mon cœur tout ce qu'il a chéri.
 Me sera-t-il donné de voir, d'entendre encore
 Un regard, un accent ami ?

Noble fille du ciel, amitié, pure flamme !
 Partout où tu n'es point, est le froid du tombeau...
 Eh ! quoi, vivre et mourir sans révéler mon âme !
 De ma pensée ardente éteindre le flambeau !..

Quoi ! rien qu'un roc muet ! rien, rien qu'un sable aride !
 Une atmosphère lourde, un ciel tempêteux !
 Plus triste que la nuit, rien que ce jour livide
 Qui blesse mes débiles yeux !

Longe, ai! tam longe, eu tenho o lar que choro;
 Quanto á vida me liga
Tam longe me ficou... Oh! ser-me-ha dado
 Que eu ainda consiga
O ver um doce olhar, o ouvir ainda
 Um som de voz amiga?

Nobre filha do ceu, doce amizade,
 Tua chamma não consente,
Tua chamma so, que ao gèlo do sepulchro
 A vida se arrefente...
E eu heide assim viver, morrer, sumir-me
 Com este facho ardente
A queimar-me alma — e eu a apagá-lo á fôrça,
 Não me revele a mente!
Quê! so, n'este areal deserto e mudo,
 So essa penedia!
Ar que se não respira, um ceo pesado,
 E ésta má luz de dia...
Uma luz alvacenta que me cega
 Mais que a noite sombria!

S'il était seulement sur ce morne rivage,
 Un écho solitaire à ma voix s'éveillant,
 Une fleur sans éclat, un arbre sans feuillage,
 Si je voyais au ciel un astre vacillant,

Oh ! j'aimerais l'écho plaintif, la fleur mourante,
 L'étoile qui pâlit et l'arbre foudroyé !
 Je leur dirais : 'Rendez à mon âme souffrante
 'Sympathie et pitié !'

Oui, pitié : car je souffre et respire avec peine,
 D'un fardeau meurtrissant mon cœur est oppressé.
 Oui, pitié ; car je meurs, et la mouvante arène
 Va, comme un blanc linceul, couvrir mon front glacé !

Oh! se encontrasse ao menos n'essa praia

Um echo a minha voz!..

Se uma flor murcha, uma árvore sem folhas

Eu víra ahí tam sos!..

E trémula no ceo, víra uma estrêlla

Entre o negrume atroz!..

A esse echo gemedor, á flor mortíça

Oh, como lhe eu quizera!

Á estrêlla que desmaia, ao tronco sêcco

Oh, como lhe eu disserá:

‘ Piedade, sympathia para uma alma

Que a mágoa dilacera!’

Piedade sim, porque eu padeço muito:

Um pêso que o matou

Me opprime o coração; e ja presinto,

Na agonia em que estou,

Sudario alvo de areia ir-me cobrindo

A frente que gelou.

Je disais : tu passas sur l'onde frémissante,
 De ton aile d'azur à peine l'effleurant.
 Ton doux chant répondit à ma voix gémissante
 Comme les sons d'un luth entre mes doigts vibrant.

Reviens, réponds encore au cri de ma souffrance !
 Tu plais à ma douleur, oiseau mélodieux !
 Ton chant d'amour me semble un hymne d'espérance,
 Et ta couleur brillante est la couleur des cieux !

Chante et rase les flots d'un aile paresseuse !
 Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
 Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
 Vogue mollement balancé !

Eu dizia, e tu vinhas rente d'agua,
Ao som dos ais sentidos,
Roçando-a com as pennas azuladas.
Aos tristes sons carpidos
Teu canto respondeu, como o alahude
Que vibra estes gemidos.

Volta, responde ainda aos meus lamentos,
Que em ver-te a alma descança!
O teu canto d'amor nos meus ouvidos
É um hymno d'esp'rança,
E a tua côr brilhante a côr do ceu
Quando ri na bonança.

Canta, e co'a ponta d'aza priguicosa
Varre a onda serena!
Como o innocente que no berço imballam
Com branda cantilena,
Canta, suave Alcyon, e mollemente
Voga ao som d'agua amena!

Tu cantas e respondes, como o albatroz
 Que vibra estes gemidos.

Quando ti na bonança
 E a luz côr brilhante e côr do céu
 O teu canto d' amor nos meus ouvidos
 Quando ti na bonança.

XIV.

O PHAROL E O BAIXEL.

Como está segura a tôrre
 ! No meio d'agua ! não ves?
 No cimo a luz da esperança,
 O escolho da morte aos pés...

Assim luz amor na vida,

Que é pharol de salvação,

Assim tem aos pés traidores

O escolho da perdição.

É bonança, e juncto á tórre

Dorme tranquillo o baixel !

Mas quem pôs firmeza em ventos,

Quem teve o mar por fiel ?

Na tórre ardia o pharol,

A onda morta se espelhava ;

E o baixel ja fatigado

Pela brisa suspirava.

O baixel é novo e lindo,

— Velha a tórre e desdentada ;

Ouviráso que ella diz

Com a voz cava e rachada :

— ‘ Baixelsinho tam ligeiro

Que essa calma impaciente,

Ai ! não chames tanto a brisa,

Que póde vir a tormenta. ’

— ‘ Tu es uma tórre velha, missa
 Ahi prêsa n’esse escolho ;
 Cega todo o dia, apenas
 Te accendem de noite um ôlho.

Que sabes tu do que vai
 ! No immenso campo do mar ?
 Eu tenho mais fe na vida,
 ? Querq ver, viver e andar.’

— ‘ Sólta pois no mar da vida,
 ; Lindo baixel, sólta as vellas ;
 Ventura te assopre os ventos,
 Guie-te amor das estréllas !

Mas se ao voltar — na viagem
 ; Da vida, o p’rigo é voltar —
 Te vires perdido. Oh! vem,
 ; Vem a mim, que me hasde achar.’

Como o velho tam ligoiro 1842.—
 Que essa calma impaciencia,
 A! não chames tanto a brisa
 Que pôde vir a tormenta
 ...pés...

A lobo o que a mão impura
 N'estas paginas posei,
 Tomando, com falsa jurta,
 O seu santo nome em vão,
 Para n'ellas escrever
 O que impresso não tiver,
 Hein fundo no coração.

XV.

SENTENÇA D'AMOR.

NO ALBUM DE UMA JOVEN SENHORA.

Tirou das azas a penna
 E lavrou aqui Amor,
 N'este livro de primor,
 Sentença que ja condemna,
 Por sacrilego e traidor,

A todo o que a mão impura
 N'estas paginas poser,
 Tomando, com falsa jura,
 O seu sancto nome em vão,
 Para n'ellas escrever
 O que impresso não tiver,
 Bem fundo no coração.

184...

— Volta pois no mar de vida,
 Lida heixal, solta as velas:
 Ventura te abrace as venturas,
 Gude-te amv. V. estréias!

Mes **TRONCA D'AMOR**
 Da vida: o p'cho é voltar —
 Te **TRONCA D'AMOR** de amor de amor de amor de amor
 Vem a mim, que me ha de achar,
 Tiron das asas a penna
 Estilavon aqui Amor,
 N'este livro de primor,
 Sentença que ja condemnas,
 Por sacrilego e traidor,

XVI.

GRINALDA.

Date lilia.

Vinc.

Andei pelo prado vagando, vagando
 Em busca da flor
 Que aqui heide pôr.
 Grinalda tam bella, que se vai trançando
 Com tanto primor,
 Que flor lhe heide eu pôr?

Vou-me á borboleta, que n'esses vergeis

Anda a namorar,

Vou-lh'o perguntar...

Não : heide ir á abelha que mais sábias leis

Tem no seu gostar ;

Ir-lh'o-hei perguntar.

Mas a borboleta é doida, coitada,

Não sabe das flores

Senão viço e côres ;

E a pobre da abelha, sempre carregada,

Não ve no vergel

Senão o seu mel.

E eu n'esta flor quero da rosa a belleza,

Do lirio a candura,

Do nardo a doçura...

Diz-me o coração que nem natureza

Fez tal formosura,

Nem arte ou cultura.

Mas tambem me diz — e eu creio — oh ! que sim..

Que o jardim d'amor

Produz a tal flor.

Mancebos, correi, correi lá por mim :

O que achar a flor,

Que a venha aqui pôr.

Mas não sou ja poeta; cabiu-me 184...

Da cabeça a coroa, o poder;

A innocencia do Eden fugiu-me,

Fructo amargo provei de saber...

Sei, perdi-me... é na triste memoria

Nem saudades já tenho da gloria.

Bem o ves o **XIV** cabiu-me

D'estas mãos que não teem o poder;

E o **LA NÃO SOU POETA**

Do hymno eterno que ergui ao nasser.

Ai, por ti, que não podes

De um rosal que já vive no cen.

Quando eu era poeta — e mimosa

D'esses líres que a tantos já deu,

Minha mão punha a c'ros ao valor

E prendia em grinaldas amor.

Mas também me diz — e eu creio — oh! que sim...
 Que o jardim d'amor,
 Produz a flor, a flor,
 Manchas, correi, correi lá por mim;
 O que achai a flor,
 Que a vechei a flor.

Mas a borboleta é doida, coitada,
 Não sabe das flores
 Senão vico e cores;
 E a pobre da abelha, sempre carregada,
 Não ve no vergel
 Senão o seu mel.

E eu n'esta flor que a a belleza,
 Do lirio a candura,

JA NÃO SOU POETA.

Diz-me o coração que nem natureza

Eu queria apanhar uma rosa
 De um rosal que ja tive no ceu,
 Quando eu era poeta — e mimosa
 D'essas flores que a tantos ja deu,
 Minha mão punha a c'roa ao valor
 E prendia em grinaldas amor.

Eu queria apanhar uma rosa
 Do rosal que ja tive no ceu,
 Rosa pura, singela e mimosa,
 Para a dar a quem tanto a mer'ceu,
 A quem juncta ao precioso valor
 D'alma bella, as mais graças d'amor.

Mas não sou ja poeta; cahiu-me
 Da cabeça a coroa, o podèr;
 A innocencia do Eden fugiu-me,
 Fructo amargo provei do saber...
 Sei, perdi-me... e na triste memoria
 Nem saudades ja tenho da glória.

Bem o ves, o alahude cahiu-me
 D'estas mãos que não teem ja podèr;
 E o som derradeiro fugiu-me
 Do hymno eterno que ergui ao nascer.
 Ai, por ti, por ti so, á memoria
 Véem saudades do tempo da glória!

Eu queria apagar uma rosa
 Do rosal que ja tive no ceu,
 Rosa pura, singela e timosa,
 Para a dar a quem tanto a mer'ceu,
 A quem junctas ao precioso valor
 D'alma bella, as mais graças d'amor.

Mas não sou ja poeta; calha-me
 Da cabeça a coroa, o poder;
 A innocencia do Eden fuz-me,
 Fructo amargo provei do saber...
 Sei, perdi-me... e na triste memoria
 Nem saudades **XVIII.** gloria.

LIVRO DA VIDA.

D'estas mãos que não leem ja poder;

NO ALBUM DO SR. J. M. DO AMARAL.

Do hymno eterno que ergui ao nascer,

Vai o talento e a amizade

Nas folhas brancas pintando

D'este livro os seus primores.

Memorias de saudade

Aqui ficam retrattando

As várias, dispersas flores

Que no caminho da vida
Se vão colhendo e esfolhando...
E ésta é a historia sabida
De toda a vida — e da flor
Que é, que foi, ou que for.

Eu deixo aqui so memoria,
De uma sincera vontade,
De affeição, de lealdade :
Deve ter logar na historia
De que este livro é padrão,
Que é historia do coração.

1843.

XIX.

AS MINHAS AZAS.

Eu tinha umas azas brancas,
 Azas que um anjo me deu,
 Que, em me eu cansando da terra,
 Batia-as, voava ao ceu.
 — Eram brancas, brancas, brancas,
 Como as do anjo que m'as deu :
 Eu innocente como ellas,
 Por isso voava ao ceu.

Veio a cubiça da terra,
Vinha para me tentar;
Por seus montes de thesouros
Minhas azas não quiz dar.

— Veio a ambição, co'as grandezas,
Vinham para m'as cortar,
Davam-me podêr e glória;
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas, —
Azas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.

Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estréllas,
E ja suspenso da terra
Ia voar para ellas,
— Deixei descahir os olhos
Do ceu alto e das estréllas...
Vi, entre a névoa da terra,
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas,
 Azas que um anjo me deu,
 Para a terra me pesavam,
 Já não se erguiam ao ceu.

Cegou-me essa luz funesta
 De infeitiçados amores...
 Fatal amor, negra hora
 Foi aquella hora de dores!

— Tudo perdi n'essa hora
 Que provei nos seus amores
 O doce fel do deleite,
 O acre prazer das dores.

E as minhas azas brancas,
 Azas que um anjo me deu,
 Penna a penna, me cahiram...
 Nunca mais voei ao ceu.

184...
 Eu innocente como ellas,
 Por isso voava ao ceu.

Nas as cordas do alaúde
 O vanto algar, em vanto
 Teimou, e pôs-se a cantar
 Este cantar toco e tudo.

A porta sancta de Roma
 Eu bati co meu bordão;
 O padre-sancto me abriu
 Dizendo: Kyrieição!

! Kyrieição! or minha alma

Que morto sem confissão,

Se não diga áquelle almas

Que me deem a absolvição.

KYRIELEISÃO.

A senom Christeleijom.

! Kyrieição! — aqui tendes;

EGAS-MONIS?

Tomae-a com devoção:

Este é o hymno derradeiro

Que, no fim do seu caminho,

Cantava o triste romeiro:

No cansaço e desalinho

Do longo peregrinar

Não sabia já cantar;

Nem as cordas do alahude
Lhe podiam affinar...

Teimou, e pôs-se a cantar
Este cantar tosco e rude.

À porta sancta de Roma
Eu bati co'meu bordão ;
O padre-sancto me abria
Dizendo : ' Kyrieleisão ! '

' Kyrieleisão ! — por minha alma,
Que morro sem confissão,
Se não digo áquelles olhos
Que me deem a absolvição. '

' Absolvição ! — aqui tendes ;
Tomae-a com devoção :
É uma bulla cruzada
Que manda ter compaixão. '

Compaixão ! — minha senhora,
Tende-a de mim, que é razão
O que manda o sancto-padre,
Fazê-lo o fiel christão.

Christão! — é este meu peito ;
O vosso, infiel pagão !
As indulgencias que trago
Não sei se ca valerão...

Valer ! — so Deus á minha alma,
Que morro sem confissão !
Senhora, vós, que a matastes,
Dizei-lhe : ' Kyrieleisão !'

182...

XXI.

OLHOS NEGROS.

Por três olhos negros, negros
Trago eu negro o coração,
De tanto pedir-lhe amores...
E elles a dizer que não.

Christo! — este não peço;
 O vosso, infel' paixão, não doo.
 As indulgências que trago
 Teimões e não a sou.
 Não sei se ca valero...
 Este cantar toco e rudo.

Valer! — se Deus á minha alma
 Que morto sem confissão!
 En ba! —
 Senhora, vós, que a matades
 O
 Dixei-lhe: — K...
 Dixei-lhe: — K...

...
 Que morro sem confissão,
 Se não digo a quem os
 Que me deves a absolvição.

...
 Absolvição! — aqui tendes;
 Tomae-a com o

XXI.

...
 É uma bulla cruzada
 Que manda ler

OLHOS NEGROS.

Compaixão! — minha senhora,
 Por teus olhos negros, negros
 Trago eu negro o coração,
 De tanto pedir-lhe amores...
 E elles a dizer que não.

E mais não quero outros olhos,
 Negros, negros como são ;
 Que os azues dão muita esp'rança,
 Mas fiar-me eu n'elles, não.

Não sei So negros, negros os quero ;
 Que, em lhes chegando a paixão,
 Se um dia disserem sim...
 Nunca mais dizem que não.

184...

XII

A UMA VIAGEM

Que heide eu dizer á amavel estrangeira
 Que lhe fique em memoria
 D'esta terra onde vicia a estrangeira
 Co'a doce flor d'amor
 Juncto ao foute da gloria

E mais não quero outros olhos,
 Negros, negros como são;
 Que os axos dão muita esp'rança,
 Mas far-me eu n'elles, não.

So negros, negros os quero;
 Que, em lhes chegando a paixão,
 Se um dia disserem sim...
 Nunca mais dizem que não.

184

XXII.

XXI.

A UMA VIAJANTE.

OLHOS NEGROS.

Que heide eu dizer á amavel estrangeira
 Que lhe fique em memoria
 D'esta terra onde viça a lorangeira
 Co'a doce flor d'amor
 Juncto ao louro da glória?

Eu cantei como canta no verdor
 Do bosque o rouxinol,
 Sem saber o que faz — ledô co'a aurora,
 E triste ao pôr do sol...
 Deixei de ser poeta como o fôra,
 Não sei porquê, — sei que o não sou j'agora.

184...

Eu cantei como canta no verdor
 Do bosque o touxinhol,
 Sem saber o que faz — ledo co' a aurora,
 E triste ao pôr do sol...
 Deixei de ser poeta como o fôrta,
 Não sei porquê, — sei que o não sou j' agora.

184...

XXIII.

ELLA.

Ouí, mon âme se plait à secouer ses chaînes:
 Déposant le fardeau des misères humaines,
 Laisant errer mes sens dans ce monde des corps,
 Au monde 'des esprits je monte sans efforts.

DE LAMARTINE, MÉD:

A UMA VILJANTE.

I.

Que heide eu dizer á amavel estrangeira
 Eu caminhava so e sem destino
 No deserto da vida,
 N'alma apagada a luz, e o desatino
 Na vista esmorecida: a glória?

E affastava de mim, que me impeciam
 No caminhar adiante,
 Os prazeres dos homens que surriam,
 E a turba delirante
 De seus impenhos vãos. — Aos que gemiam
 Surria eu de inveja...
 Quem podéra gemer... mas arredava
 Esses tambem: não seja
 Traição a sua dor? — Eu caminhava
 So, triste, so, sem luz e sem destino,
 A vista esmorecida,
 A alma gasta, apagada, e ao desatino
 No deserto da vida.

II.

Olhava para o ceu, não via estrélla,
 Nem eu buscava norte:
 Que importava o guiar da luz mais bella,
 Se das trevas da morte
 Se innevoavam meus olhos, que a não via?..
 Morte d'alma, que morre
 De infado e dissabor... e sècca e fria
 Pezando jaz no coração! — ahi corre
 O sangue com a vida:

A vida que é da terra, a bruta, a grossa,
 Que, da outra desprendida,
 Cahiú n'essa existencia absurda, insossa,
 Que é durar so, andar, cansar com ella...

E eu ia d'esta sorte,
 Olhava para o ceu, não via estrêlla,
 Nem eu buscava norte.

III.

A aurora para mim não tinha flores,
 Nem o sol resplendores;
 E a morte-luz da lua, que é tam bella,
 — Lembra-me inda de vê-la! —

Branquejava-me so como um sudario
 Que ondeia ao vento vário,
 Pendão de spectros que por noite fria
 Vão a alguma aziaga romaria.

Os campos arrelvados,
 Que de longe me riam, matizados
 De viçosas boninas,
 Em chegando, eram aridas campinas,
 Gandras salgadas e ermas,
 De uma areia alvacenta e nua, — infêrmas
 E feias de avistar

Como terras maldittas... — Oh! nem flores

Não tinha que esfolhar

A aurora para mim, nem resplendores

O sol que derramar.

IV.

E sentei-me cansado n'um rochedo

Triste como eu e so,

No meio d'este valle de degrêdo,

De lagrymas e dó.

Cahiu-me a frente sôbre as mãos pesada,

E meditei commigo :

' Não é melhor pôr fim a ésta jornada

E poisar no jazigo ?

Vagar, peregrinar sem fim, sem termo,

Sem causa, sem esp'rança,

So nas cidades, abafando no êrmo,

Faminto na abastança,

Morto na vida, e so, so, so!... ' — Quem dera,

Quem me dera uma dor

Das que eu sentia d'antes quando *era*,

Quando impio e sem temor

Bradava ao ceu: 'Fatal presente d'alma

Que tanto, tanto sente!

Puniu-me Deus: coalhou-se em podre calma

O oceano fervente

Das paixões tempestuosas de meu peito;

As velas lassas batem,

Baloíça o baixel torpe e desconfeito,

E, nas cordas que latem

De impaciente priguíça, balanceia

A vida que me anceia.

Oh! quem ja naufragára n'um rochedo

Êrmo como eu, e só

No meio d'estes máres de degrêdo,

De lagrymas e dó!

V.

Qu'ê do anjo que, ao gerar da minha vida,

Recebeu a palavra proferida

Da bôcca do Senhor,

O verbo creador

Que me deu alma e ser? o guarda o guia

Que, desde esse momento,

Em fiel companhia

Habitar veio o coração que enchia,
De minha mãe, banhá-lo de contento,

Quando De amor e de ternura?
O que depois, na tímida candura

De minha tam ingenua púberdade,
Quando os olhos sequiosos de ventura

Se ergueram a pedir felicidade
Á primeira mulher que viram bella,

M'os guiou com piedade
Para os olhos d'aquella

Que amei quasi co'a simplicidade innocencia
Com que amei minha mãe?.. Pobres amores!

Sem fogo, sem vehemencia,
Mas suaves e brandos como as flores.

Como ellas, desbotaram á luz viva
Com que, na quadra estiva,

Dardeja o sol — e a terra ha sede, sede
Que orvalhos não apagam;

Quer torrentes onde a agua se não mede,
E que, a affogar, saciam quando alagam.

.....
.....

Ai! esse anjo onde está que a minha vida
Da bôcca do Senhor

Recebeu na palavra proferida,
No verbo creador?

VI.

Com um longo suspiro derradeiro,
Um longo, último olhar de piedade

Elle me abandonou,
Quando ao festim grosseiro

Me viu sentar nas salas da impiedade,
Quando, ai Deus! blasphemou

Minha bôcca em palavras consagradas,
E jurou fé e prometeu verdade

A essas imagens vans, falsas, pintadas
Que a torpe needade

Do mundo idolos fez d'amor... — Que amores!
...

Ellas, como a saloia vende as flores
Que achou na horta ou no prado,

E as traz, em molhos feitos, ao mercado,
Murchas no viço, pallidas nas côres,

Do atar, do repartir...
Assim vendem, nos baijes e nas festas,

A preço de vaidades e mentir,

De ambiciosas requestas,
 O que so tem valor
 Quando se dá — e que o dá amor...
 Co'esse longo suspiro derradeiro,
 N'um longo, último olhar de piedade
 O anjo me abandonou,
 Quando ao festim grosseiro
 Me viu sentar nas salas da impiedade.

VII.

Eu corri-me, chorei, quebrei a fronte
 Na lage dura que soava em ouco,
 Quando acordei de meu sonhar tam louco,
 E vi inlodaçada e sêcca a fonte
 D'esse impio templo — o do Prazer... Corri-me,
 Bradei, chorei, carpi-me,
 E tornei a vagar so, sem destino
 No deserto da vida,
 N'alma apagada a luz, e o desatino
 Na vista amortecida.

De ambiciosas repugnâncias — e desobediência
 O que se tem — VIII.

Quando se dá — e que o da amor...
 E fui a erguer os olhos com despeito.

Para o ceu, ás estréllas scintillantes

Queria perguntar se ésta era a vida

Que me fadavam d'antes

Quando me entrou no peito

Esta áncia, este desejo, esta incendida

Sêde fatal de amar...

Olhei... e vi o azul do firmamento

So, sem nenhum brilhar

De estréllas ou de lua.

Mas logo se inundava n'um momento

De uma luz alva, doce e resplendente,

Que me entrou toda n'alma. A névoa crua

Da terra, mais e mais, se incruceia

E cerrava — que a vista já não via

Mas tam suavemente

Elevada d'aquella doce luz

A alma subia, placida subia.

.....

Deve subir assim

Abraçada na Cruz

A alma do justo no benditto dia
 Que ao martyrio da vida lhe põe fim. . .

Ja não erguia os olhos com despeito
 Para o ceu, ás estréllas scintillantes

Não perguntava ja se ésta era a vida
 Que me fadavam d'antes.

IX.

Eu subia, subia... O brilho, a alvura

Da luz mais requintava, e
 E como que o meu ser compenetrava.

Então na immensa altura
 Vi, claramente vista, a face pura

Da primitiva, etherea Formosura
 De que á terra so vai reflexo baço,

Vislumbre froixo, escasso
 Que, um momento, revela

Na face virginal e a faz tam bella
 Esse mysterio da eternal Grandeza

Que, desde a eternidade,
 Antes de todo o ser, fez a belleza.

... No scmpiterno scio.

Disse a minha alma : 'Esta é a Formosura,
 E o que eu sinto, Amor...'
 E eram. Que fiz eu pois téqui? Á impura,
 Falsa imagem de um idolo traidor
 Trouxe a alma rendida,
 E sem remorso prostitui a vida...

X.

O meu amor primeiro,
 Unico, derradeiro,
 Achei-o pois : é ELLA. — Ella, um mysterio,
 Um sonho — um veo cahido
 Sôbre um symbolo ! um mytho...
 Mas é ELLA... Oh ! é ella ! Eterno imperio
 Lhe foi, desde o principio, concedido
 Em meu ser immortal. Sou, fui... escripto
 Está que sou, que fui, que era ja d'ella,
 Desde que ha ser em mim.
 Não tem comêço, nunca terá fim
 Este amor, que é do ceu :
 Vida não n'o accendeu, morte o não gela,
 Que não póde morrer — se não nasceu !
 No sempiterno Seio.

Coexistiu c'o meu ser ;
 N'este da vida turbulento inleio
 Passará a gemer
 Como eu gemo. Mas toda a eternidade
 Será nossa, depois, co'a Divindade.

184...

...481

XXIV.**NOVA HELOIZA.****I.**

Juncto á ribeira do Tejo
 Ha um val escuso e quieto,
 Que escolheu nova Heloiza
 Para novo Paraclete.
 Alli um doce bafejo
 De perfumes tem a brisa ;

E n'um longo, longo bejo
Flora e Zephyro esquecidos,
Alli se ficam detidos
Em dobrada primavera ;
Alli não murcham as flores...
Se hão de então murchar amores !

II.

Onde a relva é mais mimosa
E a verdura mais viçosa,
De alto cume despenhado
Cai um lençol de agua pura
Nas brancas orlas franjado
De mais reluzente alvura.
Emtôrno da penedia
Cresce o jasmim, vive a rosa ;
E a hera crespa e luzedia,
A madre-silva cheirosa
Não deixam chegar do dia
Áquella estancia sombria,
Senão ja meio-perdidos,
Os raios amortecidos...
Luz querida dos amores
Que alli vivem soz co'as flores !

E n'um longo, longo beijo
Flora e Xephyr. III. *quenchidos.*
Alli se ficam delidos

O nome d'aquelle valle
É mysterio... não o sei:
Mandado me foi que o calle.
O seu nome callarei.
Tambem querem que o esqueça...
Esquecê-lo é que eu não sei.
Quiz a sorte — e se era avessa,
Se propícia, não direi —
Que um dia alli descuidado
Por acaso eu fosse ter.
É um labyrintho incantado:
Quem lá fôr, se hade perder.
Que andam alli os amores
Escondidos entre as flores.

A madre-silva cheirosa
Não deixam cl. IV.
Aquella estancas sombria.

Entre as flores — tantas eram!
Vi uma, duas... vi mais...
Que não sei nem qual nem quais
O coração me prenderam.

Sei bem certo que o levava
Aqui no peito, ao entrar :
Aos baques que me elle dava
Milagre foi não quebrar !
Antes quebrasse... perdi-o :
Lá me anda como um vadio,
Doido, doido, entre essas flores,
O louco ! a sonhar d'amores.

Lindo valle escuso e quieto
Que banhas os pés no Tejo,
E floreces ao bafejo
Da suave aura d'amor,
Tu serás o Paraclito
Adonde se acoite a dor
De nova, terna Heloiza.
Tuas aguas a correr,
A suspirar a tua brisa,
Os teus bosques a gemer,
Vós todos lhe heisde dizer
Que alli no seio das flores
Não é que esquecem amores.

VI.

Se com lagrymas salgadas
 Ella as tuas flores régar,
 Tu bem sabes, valle umbroso,
 Que t'as não póde queimar.
 Tristes rosas desbotadas
 Bem poderá desfolhar...
 E a tez ao jasmim cheiroso
 Com os suspiros crestar...
 Mas, por cada flor d'amor
 Que assim matar sem piedade,
 Verá crescer-lhe ao redor
 Mais dobrada a saudade.
 Que a mate... não mata, não;
 Que a queime... torna a florir:
 Vegeta em toda a estação,
 Sol e chuva a faz abrir.
 Oh, mal vai viver co'as flores
 Quem se quer deixar d'amores!

VII.

Mas va a bella Heloiza,
 Va para o seu Paraclete;

E que tome por devise
Triumphar d'um doce affetto...
Va com esse credo vão
Que a condemna á solidão...
Va com sua fortaleza
Desafiar a natureza
A duello singular...
Va... que póde batalhar,
Póde, va... mas vencer, não :
Que no melhor da peleja,
Quando o contrário fraqueja,
É que cede o coração...
Verá então entre as flores
Como riem os amores !

184...

XXV.

O NATAL DE CRISTO.

Verbe incréé, source féconde
 De justice et de liberté!
 Parole qui guéris le monde,
 Rayon vivant de vérité!

DELAMARTINE, HARM.

I.

O Cesar disse do alto do seu throno :

‘Pereça a liberdade!

Quero contar os homens que ha na terra,

Que é minha a humanidade.’

E, cabeça a cabeça, como rézes,
As gentes são contadas.
Proconsules e reis fazem rezenha
Das escravas manadas,
Para mandar a seu senhor de todos
Que, um pé na Aguia romana,
Com o outro opprime o mundo. A isto chegára
A vil progenie humana.

II.

E era noite em Bethlem, cidade illustre
Da vencida Judea
Que a domada cabeça ja não cinge
Com a palma idumea :
Dous afflictos e pobres peregrinos
Cansados vem chegando
Aos tristes muros, a cumprir do Cesar
O imperioso bando...
Tarde chegaram ; ja não ha poisadas.
Que importa que elles venham
Da stirpe de Jessé, e o sangue regio
Em suas veias tenham ?
Na geral servidão so uma avulta
Distincção — a riqueza ;

Na corrupção geral so uma avilta

Degradação — pobreza.

Os filhos de David foram coitar-se

No presepe entre o gado,

E dos animaes brutos receberam

Amparo e gasalhado.

III.

E alli nasceu JESUS... alli a eterna,

Immensa Majestade

Appareceu no mundo, — alli começa

A nova liberdade.

Cantam-n'a os anjos que no ceo pregoam

Glória a Deus nas alturas,

E paz na terra aos homens! — Paz e glória;

Promessas tam seguras

Do ceo á terra n'esta noite sancta,

O que é feito de vos?

JESUS, filho de Deus, que alli vieste

Humanar-te por nós,

Tu que mandaste os coros dos teus anjos

Aos humildes pastores

Que dormiam na serra — ao pobre, ao pavo,

Primeiro que aos senhores,

Que aos sábios e que aos reis, te revelaste

Oh! que é d'ellas, senhor,

Que é das tuas promessas? Resgatados,

Divino Salvador,

Do antigo captiveiro não seriam

Os homens que fizeste

Livres c'o sopro teu, quando os criaste,

Livres, quando nasceste,

Livres pelo Evangelho de verdade

Que em tua lei lhes déste,

Livres em fim, pelo teu sangue puro

Que por elles verteste

Do alto da Cruz, no Golgotha de infamia,

Em que por nós morreste?

IV.

Ve, ó filho de Deus! quasi passados

Dois millenios ja são

Que, ésta noite, em Bethlem principiava

Tua longa paixão; Com

E o edicto do Cesar inda impera

No mundo avassallado.

Os Cesares, seu throno — e quantos thronos!

Teem cahido prostrados...

Embalde! — as leis iniquas, que destroem
A sancta liberdade
Que n'esta pia noite annunciaste
À oppressa humanidade,
Essas estão em pé. Será que o pacto.
Será que o testamento
Celebrado na Cruz tu quebrarias,
Senhor, no ethereo assento?..

V.

Não, meu Deus, não: eterna é a Palavra,
Eterno é o Verbo teu
Que, antes do ser dos seculos, nos deste,
Que o mundo recebeu
N'esta noite solemne e sacrosancta.
Nós, nós é que o quebrámos,
Nós, sim, o novo pacto e juramento
Sacriligos violámos;
Esaús do Evangelho, nós vendemos,
Com torpe needade,
Por appetites sordidos, a herança
Da glória e liberdade.
Por isso os reis da terra inda nos contam
Escravos, ás manadas;

Por isso, em vão, do jugo sacudimos
 As cervizes chagadas.
 Porque não temos fé, não temos crença,
 E a Cruz abandonâmos,
 Donde somente está, so vem, so fulge
 A luz que procurâmos.
 E os vãos sabedores, esses magos
 Que a vaidade cegou,
 Não olham para o ceo, não vêem a estrêlla
 Que hoje em Bethlem raiou.

184...

IVXX

O REDEMITOR

XXVI.

O REDEMPTOR,

SEQUENCIA.

Ave, spes unica.

HYMN.

Tu morreste por nós na cruz da affronta,

E o sangue derradeiro

Derramaste do alto do madeiro,

Jesus, filho de Deus, Deus verdadeiro!

Aos crimes do homem não lançaste a conta,
Innocente cordeiro,
Quando foste no alto do madeiro
Lavar, com sangue, o último e o primeiro.

E n'aquella hora o mundo foi mudado :

A antiga, froixa luz
Se apagou no calvario aopé da cruz ;
E agora é novo sol o que reluz.

Por deseguaes direitos, affrontosos

Para o pobre que lida,
Que trabalha, que sua pela vida,
Andava a terra pelos reis regida.

Vãos sabedores, ricos poderosos

A tinham submettida
Ao êrro torpe que imbrutece a vida
E que apaga a razão n'alma perdida,

Acabaram-se as leis dos reis da terra ;

E ésta so lei ficou :

‘ O rei que está na cruz nos libertou

E com seu sangue a todos egualou. ’

E n' aquella hora o mundo foi mudado : 184...

A antiga, froixa lux

Se apagou no calvario sobê as cruz ;

E agora é novo sol o que reluz.

Por deseguaes direitos, affrontozos

Para o pobre que lida,

Que trabalha, que ama pela vida,

Andava a terra pelos reis reida.

Vãos sabedores, ricos poderosos

A tinham submettida

Ao erro torpe que imbruteca a vida

E que apaga a razão n' alma perdida.

Tu marcaste por nós na cruz a vida,

E o sangue derrastado

Berramante do alto do maldade,

Jesus, filho de Deus, Deus verdadeiro !

NOTAS

AO LIVRO PRIMEIRO.

NOTAS.

Esta palavra... não se trata mais ordinariamente
de uma e a mesma de que se que aponta a um ponto
especial.

Chateaubriand fez d'isto uma sentença e d'isto das profundas
penetrações que são p'ra a falhar n'aqueles seus discursos
esplendentes.

Il est un peu étranger à l'école des philosophes.

Il est un peu étranger à la philosophie.

Éste justamente estas coisas de que Chateaubriand não se
cuida a philosophia humana, se com que não conta, em
seus escritos, d'isto que se chama a communica politica
e d'isto que há de carregar a civilização e o mundo, por

Acabaram-se as leis dos reis da terra;
 E esta se lei ficou: que o povo
 'O rei que está na cruz nos libertou
 E com seu sangue a todos egualou.

NOTAS

NOTAS

AO LIVRO PRIMEIRO.

NOTA A.

Cuja sciencia... não ve mais coisa nenhuma entre
o ceo e a terra do que as que sonha a sua philo-
sophia pag. 6.

Shakspeare faz dizer ésta sentença a um dos profundos
pensadores que elle põe a fallar n'aquelles seus dramas
immortaes :

There are more things in heaven and earth, Horatio,

Than are dreamt of in your philosophy.

São justamente essas coisas de cuja existencia não so-
nha a philosophia humana, as com que não contou, em
seus calculos, ésta moderna sciencia da economia politica ;
sciencia que hade estragar a civilisação e o mundo, por-

que nos lançou no individualismo absoluto e exclusivo, consequencia inevitavel das doutrinas dos utilitarios.

Ja se vai percebendo no coração da Europa, não tardará a sentir-se em toda ella amargamente, a fatal verdade d'esta observação, que não é para aqui estender, mas que era forçoso apontar para se intender o texto citado.

NOTA B.

Esse principe allemão que é tanto moda... não cuidem que é... o aventureiro que aqui andou ha dous annos pag. 8.

O principe Muskaw, ingraçado auctor de 'Tutti-frutti' das 'viagens de Semi-lasso' e de outras rhapsodias elegantes e desgarradas, é um escriptor bem conhecido e geralmente estimado. Receou-se porém que algum litterato de botequim o não confundisse com essoutro apenas conhecido pela sua publicação sôbre Hespanha em que tam insultada é a memoria de D. Pedro IV (de Portugal). Da brochura que elle ultimamente deu á luz sôbre a nossa terra, crê-se que o bom do principe não é senão o 'editor responsavel.'

NOTA C.

Recontar fadigas

De procellas, de calmas acintosas. . . . pag. 22.

Este fragmento foi escripto no mar em uma longa e penosa viagem de Lisboa á ilha Terceira. Em parte ja tinha sido publicado no número IV do jornal litterario o 'Chronista' que sahia em Lisboa em 1827.

NOTA D.

Belleza e bondade (de Sapho). pag. 34.

Na elegante collecçõosinha publicada nos fins do seculo passado em París, com o titulo *Oeuvres de Sapho*, vem-lhe attribuida ésta especie de epigramma, ou antes, apothegma poefico. D'ahi o traduzi como tal; mas procurei depois, em vão, o texto grego, tanto nos *Poetae graeci veteres*, como na rara collecção de lyricos gregos de Henrique Stephano impressa em París em 1626.

O mesmo me succedeu com a peça seguinte a ésta (V do Liv. I) que tem por titulo 'O sacrificio.'

NOTA E.

Foi Anacreonte

Que ao seu bem amado. pag. 47.

Eliminou-se, na traducção d'esta linda ode, o nome de Bactylo, a quem no original é consagrada por Anacreonte, do mesmo modo que Virgilio dedicou a Alexis a sua segunda egloga.

Salva esta infidelidade, que a decencia dos nossos costumes exige, em tudo o mais, os presentes estudos sobre Anacreonte são traducções tam severamente litteraes quanto o genio das duas linguas o permite. O mesmo digo das de Alceu, Horacio etc.

NOTA F.

Não me inganei; era de Ossian a sombra,

E assim fallou. pag. 61.

A especie de introdução que chega até estes versos não é de MacPherson, ou de quem quer que foi o verdadeiro auctor das 'Poesias de Ossian': fi-la eu para me exercitar n'um genero que, nos meus primeiros annos, me parecia o sublime dos sublimes — como elle ja pareceu a Napoleão e a Cesarotti. O epilogo, que se contém nos ultimos oito versos do poemeto, tambem é da mesma lavra.

NOTA G.

Caverna de Viriato. . . . pag. 72

Na que póde considerar-se como a 'primeira parte' do que chamarei minhas 'poesias menores,' a qual se publicou em Londres 1829 sob o titulo de 'Lyrica de João Minimo,' vem ja incluída ésta ode ou canção a pag. 161. A melhor chronologia com que agora se ordenou, tanto aquella primeira parte como ésta segunda, obrigou a collocar aqui a *Caverna de Viriato*.

Mademoiselle de Flaugergues, no seu lindo livrinho *Au bord du Tage*, París 1841, publicou a traducção franceza que aqui se dá aopé do texto, e que foi o mais lisongeiro cumprimento que o auctor podia receber. Veja a nota I ao Liv. II da presente collecção, pag. 232.

NOTA H.

O anno velho. pag. 94.

Foram ja impressos, por ingano de data, estes versos na 'Lyrica de João Minimo.' Veja nota antecedente (G ao Liv. I), e o que se diz no prologo da presente collecção.

AO LIVRO SEGUNDO.

NOTA A.

Desdobrando ufano

O verde pavelhão nas altas poppas

Treme ao sôpro da brisa pag. 108.

A joven Rainha de Portugal então de onze annos, e a joven Imperatriz do Brazil com poucos mais, partiram de Inglaterra em 1829 n'uma fragata brasileira, acompanhada por mais dous navios de guerra da mesma nação. Horas antes da sua partida chegava a Inglaterra a noticia da victoria da Praia nos Açores. Ésta notavel coincidência inspirou o presente poemeto, que primeiro se publicou em Londres no jornal portuguez intitulado o 'Chaveco' num. III de 23 de septembro d'aquelle anno, com o titulo: *A Lealdade, ou a Victoria da Terceira, canção*. D'ahi a pouco, no mesmo anno ainda, se fez segunda edição em um folheto separado, com estoutro titulo: — *A Lealdade em triumpho, ou a victoria da Terceira — canção — ao general conde de Villafior e ao valoroso batalhão da Senhora D. Maria II. — Londres — etc. etc.* MDCCCXXIX.

NOTA B.

Estendarte de morte aziago...

São as côres da nova Carthago. . . . pag. 111.

Allude-se á fragata ingleza que seguia os navios brazileiros, e que, á vista do procedimento que o govêrno britannico tinha tido com a Rainha e com os portuguezes emigrados, com razão intendiamos todos que ia mais para a vigiar, do que para lhe fazer honra.

O mesmo sentimento, bem natural, inspirou muitos outros versos analogos n'esta peça. Até para a Russia, que então se achava com o seu exército sôbre Constantinopla, appellavamos nós, para ver por alli começar a destruição do obnoxio podêr inglez que tanto nos avexava.

Commentar todo este poemeto seria quasi escrever a historia d'aquelle anno tam cheio — 1829.

NOTA C.

Uma ilha vecejante e pampinosa. pag. 116.

A ilha Terceira, onde poucos dias antes, as reliquias do partido liberal tinham ganho a célebre batalha da Praia em 11 d'Agosto d'esse mesmo anno de 1829.

NOTA D.

E quem são esses nobres defensores. . . . pag. 119.

O batalhão de Voluntarios da Rainha, que não eram soldados de profissão, foi o que ganhou a victoria da Praia.

NOTA E.

Quaes injúrias, que affrontas. . . . pag. 120.

Na camara dos Pares em 1826-27 tinham-se ditto se feito as maiores injúrias aos voluntarios, que, por amor da liberdade e do soberano, se armavam e pelejavam pela causa commum. Pouco menos lhes tinha feito o govêrno. Elles desaffrontaram-se como o soldado de Vieira, que, em sua inimitavel linguagem, — *morre... e vingá-se.*

NOTA F.

Cinzas que a mão do algoz devia aos máres. . . pag. 125.

Este verso, cuja barbara allusão é bem óbvia, sente-se da exaltação em que a guerra civil trazia os animos. Depois da contenda, ninguem accusará nunca o auctor de que, em verso ou em prosa, em público ou em particular, soltasse taes expressões, e menos ainda tivesse taes pensamentos. Nem o reclama como grande merito: é vulgar virtude a generosidade entre Portuguezes. Se não fosse

meia dúzia de más almas que ahi ha por desgraça, talvez se podesse escrever sem sangue toda ésta historia das nossas desavenças politicas.

NOTA G.

A mão innocente e bella

Que o triste ramo colheu. . . pag. 156.

Na ante-vespera da nossa partida de San'Miguel com a expedição para o Porto, uma joven senhora — que hoje deve de ser anjo no ceo — colheu um ramo de cypreste e o deu ao auctor... no dia seguinte exigiu que elle lh'o restituísse; e o ramo voltou acompanhado d'estes versos. É quanto basta para se elles intenderem: com o mais não tem nada o leitor.

NOTA H.

O imprazado. pag. 155.

Talvez não devesse collocar-se aqui ésta composição, que pertenceria melhor ao 'Romanceiro.' — Romance é ella, mas não no stylo casto e singelo dos nossos romances antigos, como o auctor se lisongeia que são as suas outras composições da mesma natureza. N'este quiz-se mais imitar a eschola de Schiller, e provar fôrças por todos ou quasi todos os metros que a nossa lingua comporta: por isto é que o não quiz incluir no Romanceiro apar d'essoutros.

Penamacor so deixou de ser um titulo vago e um nome vão depois de impresso este livro; aliás, ter-se-hia mudado: agora é impossivel fazê-lo.

NOTA I.

O alcyon no cabo. pag. 163.

O texto de Mademoiselle de Flaugergues, que aqui se dá aopé da traducção, appareceu, a primeira vez, em um jornal francez *L'Abeille*, que se começou a publicar em Lisboa em 1836. Residia então aqui a auctora d'estes lindos versos. Traduzi-os logo, e sahiram impressos, n'esse mesmo anno, no *Portuguez Constitucional*. Nem a traducção foi esmerada nem a publicação correcta. Apezar d'isso, M.^{lle} de Flaugergues teve a bondade de a incluir na sua collecção, ja por vezes citada, *Au bord du Tage*. Mas ahi appareceu muito peor ainda, graças aos compositores francezes que decerto não entendiam o que compunham.

Agora não vai so restituída, vai refeita a traducção, porque realmente o merecia a belleza do original e a obsequiosa civilidade da auctora. *

* Para illustração do que se diz n'esta nota I, transerevemos n'este logar outra nota, que é a que Mlle. de Flaugergues poz á traducção portugueza do Sr. Garrett quando a publicou em Paris.

'Le poete qui nous a fait l'honneur de traduire cette petite piéce

NOTA K.

Não olham para o ceo, não vêem a estrela

Que boje em Bethlem raiou pag. 217.

Ponho uma so nota a este verso, a toda a ode, e serve para a seguinte tambem : — é em duas linhas, mas vale um livro :

Onde a liberdade se não abraçar com a Cruz, onde o povo não derivar os seus direitos immediatamente de Deus e do Evangelho — ahi, liberdade verdadeira, não a hade nunca haver. As theorias philosophicas valem para o espirito ; e o espirito é o menos para os povos. O coração é tudo, e ao coração so a religião pôde chegar. — II

Appareceu a primeira vez impressa ésta ode na *Revisita universal Lisbonnense* de dezembro 1844. — VI

est un des hommes les plus marquans qu'il y ait aujourd'hui en Portugal, soit dans les lettres, soit dans la politique: le nombre de ses écrits en divers genres est très considérable, et la tribune législative lui doit le plus grand éclat dont elle ait brillé en ce pays. Au nombre de ses œuvres poétiques, est un recueil de *rimas* qu'il a publié sous le pseudonyme singulier de *Jodo Minimo* (Petit Jean). Nous avons pris dans cet ouvrage la belle ode intitulée: *l'Antre de Viriate* dont nous nous hasardons à donner une traduction, en prose pour plus de fidélité. Si cet essai passe sous les yeux du poète et qu'il obtienne son approbation, nous oserons donner la version complète du recueil. — VII

(Nota dos Edít.) — VII

INDICE.

ADVERTENCIA v.

FLORES SEM FRUCTO — introduccão 3.

LIVRO PRIMEIRO 11.

 I. — Hymno á poesia *ib.*

 II. — A Julia 17.

 III. — O mar 21.

 IV. — Belleza e bondade 34.

 V. — O sacrificio 35.

 VI. — A lyra 37.

 VII. — Gôso da vida 39.

 VIII. — A fôrça da mulher 42.

 IX. — A rosa 44.

 X. — A pombinha 46.

 XI. — O genio de Pindaro 49.

 XII. — Glyceria 52.

 XIII. — O hynverno 54.

 XIV. — A espada do poeta 56.

 XV. — Oscar 58.

XVI. — A D. Sequeira.....	69.
XVII. — A caverna de Viriato.....	72.
XVIII. — Anno velho.....	94.
XIX. — A tempestade.....	96.
XX. — Solidão.....	101.
LIVRO SEGUNDO.....	
I. — A victoria da Praia.....	<i>ibid.</i>
II. — O juramento.....	129.
III. — No album d'um amigo.....	133.
IV. — Não creio n'esse rigor.....	134.
V. — Ramo de cypreste.....	135.
VI. — Flor singela.....	137.
VII. — Ramo sêcco.....	139.
VIII. — Nunca mais.....	142.
IX. — A minha rosa.....	151.
X. — Suspiro d'alma.....	153.
XI. — O imprazado.....	155.
XII. — A estrêlla.....	161.
XIII. — Alcyon no cabo.....	163.
XIV. — O pharol e o baixel.....	172.
XV. — Sentença d'amor.....	175.
XVI. — Grinalda.....	177.
XVII. — Ja não sou poeta.....	180.
XVIII. — Livro da vida.....	182.
XIX. — As minhas azas.....	184.
XX. — Kirieleisão.....	187.

XXI. — Olhos negros.....	190.
XXII. — A uma viajante.....	192.
XXIII. — Ella.....	194.
XXIV. — Nova Heloiza.....	206.
XXV. — O Natal de Christo.....	212.
XXVI. — O Redemptor.....	218.
NOTAS.....	221.
Ao livro primeiro.....	223.
Ao livro segundo.....	228.
IV. — Não creio a' esse rigor.....	134.
VI. — Ramo de cyprêda.....	135.
VI. — Flor singular.....	137.
VII. — Hama-seco.....	139.
VIII. — Nance mais.....	141.
IX. — A minha terra.....	151.
X. — Suspiro d'alma.....	153.
XI. — O impuzado.....	155.
XII. — A catella.....	161.
XIII. — Alizon no campo.....	163.
XIV. — O pharol e o balizel.....	171.
XV. — Sentença d'amor.....	175.
XVI. — Orelha.....	177.
XVII. — Ja não sou poeta.....	180.
XVIII.....	182.
XIX.....	184.
XX.....	187.

G. de S. J.
M. de S. J.

